



Joaquina Luís Estêvão O uso das preposições *a, de, em, por* e *para* em verbos de movimento em alunos da 12.^a classe

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me dado o maior presente de sempre, a vida.

Aos meus pais, Luis Estêvão Amâncio (falecido) e Martina Nchumali pelo suor derramado, dedicação e esforço incondicional em prol da minha educação.

Ao meu esposo, Vicente Ângelo, pelo seu apoio incalculável e pela sua presença nos momentos de alegria e aflição.

Aos meus filhos, Margarida Vicente Ângelo, Lisângela Vicente Ângelo e Vicente Ângelo Júnior.

A eles dedico este trabalho com todo o meu amor.

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutor Nobre Roque dos Santos
Reitor da Universidade de Zambeze (Unizambeze)

Prof.^a Doutora Catarina Alexandra Monteiro de Oliveira
Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Ao meu supervisor Dr. João Torrão, pela sua valiosa sugestão. Graças a sua orientação consegui chegar a um bom porto. Agradeço-lhe pela atenção e apoio.

Aos meus Professores pela experiência e conhecimentos transmitidos.

Aos meus colegas de turma pela amizade, companheirismo e colaboração, sobretudo, ao Francisco Mateus António Wache, pelo apoio e pelas observações feitas ao trabalho.

A todos, os meus agradecimentos.

palavras-chave

Preposição, regência, verbo de movimento.

resumo

A presente dissertação tem como título: *O uso das preposições a, de, em, por e para em verbos de movimento em alunos da 12.^a classe*. No trabalho, procura-se provar que a regência, em verbos de movimento direcionais, no Português emergente em Moçambique, possui uma grelha de regência diferente daquela que é exibida pelo Português Europeu que, neste caso, funciona com padrão em Moçambique. O objetivo Geral do estudo é descrever o uso das preposições *a, de, em, por* e *para* pelos alunos da 12.^a classe da Escola Secundária de Nampula. Os resultados do estudo demonstram que grande parte dos verbos de movimento direcionais selecionam a preposição *em*, em contextos em que deveriam ocorrer as preposições *a, para* e *por*.

keywords

preposition, valency, motion verb.

abstract

The present dissertation with the title: *The use of the prepositions “a”, “de”, “em”, “por” and “para” in verbs of motion in 12th grade students*. In this dissertation, we seek to prove that the valence in verbs of directional movement, in emergent Portuguese, in Mozambique, has a different valency grid from that displayed by European Portuguese, which in this case, constitutes the standard in Mozambique. The general objective of the study is to describe the use of prepositions *a* (to), *de* (from/of), *em* (in), *por* (by) and *para* (to) produced by students of the 12th grade of Nampula High School. The results of the study demonstrate that the majority of directional motion verbs select the preposition *em* (in), in contexts in which the prepositions *para* (to) and *por* (by) should occur.

ÍNDICE

Introdução	15
Fundamentação teórica	17
A noção de regência	17
Quadros de regência verbal	18
A diversidade da regência verbal	20
Classificação dos verbos	21
Verbos pessoais e verbos impessoais	22
Verbos transitivos e verbos intransitivos	23
As preposições	27
O sistema das preposições espaciais	29
As preposições locativas e as preposições direcionais	30
As preposições direcionais a e para	31
Metodologia do trabalho	33
O método	33
Tipo de Estudo	34
Universo e Amostra da pesquisa	36
Materiais	37
Redações escolares	37
O teste de comportamento linguístico provocado	38
Informação sociolinguística	39
Os Códigos	40
As línguas faladas pelos nossos informantes	40

A proveniência dos informantes	45
Proveniência dos informantes	45
O tratamento do <i>corpus</i>	46
Análise e Interpretação dos resultados teste de comportamento provocado	49
Apresentação e análise e interpretação dos dados recolhidos a partir da redações	55
Análise dos dados: Entradas corretas	59
Análise das entradas desviantes	60
Conclusão	67
Referências bibliográficas	69
Apêndices	71

Introdução

A presente dissertação intitulada *O uso das preposições a, de, em, por e para em verbos de movimento em alunos da 12.ª classe*, surge como requisito para a culminação do curso de Mestrado em Linguas, Literaturas e Culturas, ministrado pela Universidade de Aveiro, em parceria com a Universidade Zambeze.

A classe gramatical de preposições, parece, em quase todas as línguas, provir de uma gramática que se pode considerar selvagem, por não possuir regras rígidas para o seu uso. A mesma preposição é regida por diversificados verbos em contextos diferentes de comunicação. Em algum momento, um grupo de verbo (como os de atividade mental, por exemplo) selecionam a mesma preposição em diversas situações de comunicação. Estes factos fazem com que esta classe de palavras seja a mais difícil de ser usada. Este facto, contribuiu bastante para que escolhêssemos o presente tema para o presente trabalho.

O estudo vai permitir-nos perceber como os estudantes da 12.ª classe da Escola Secundária de Nampula usam as preposições de movimento, contribuindo, desta forma, para a identificação das principais tendências de usos deste grupo de preposições, o que vai permitir aos estudiosos da língua portuguesa em Moçambique sistematizar dados sobre o uso destas preposições, no emergente Português de Moçambique.

Consideramos o presente estudo bastante pertinente não só pelos motivos que já invocámos, mas também pelo facto de termos constatado fenómenos linguísticos que envolvem o uso de preposições de movimento, em alunos da 12.ª classe, como os que a seguir apresentamos:

(1)

- (i) Eu vou passar da tua casa às 2 da tarde.
PE: Eu vou passar por tua casa
- (ii) O João foi no Mercado.
PE: O João foi ao mercado)
- (iii) Cheguei em casa às 6 da tarde.
PE: Cheguei a casa

Estes fenómenos não só justificam mais uma vez a pertinência do estudo, como também mostram que o tema é actual.

Com o trabalho, pretendemos, de uma forma geral, descrever o uso das preposições *a*, *de*, *em*, *por* e *para* pelos alunos da 12.^a classe da Escola Secundária de Nampula. De uma forma específica, pretendemos: (i). identificar os principais contextos em que as preposições *a*, *de*, *em*, *por* e *para* são usadas de uma forma diferente da proposta pela PE; (ii). Analisar as estruturas em que ocorre o uso estranho ao PE das preposições *a*, *de*, *em*, *por* e *para* (iii). Indicar as principais causas que fazem com que as preposições *a*, *de*, *em*, *por* e *para* sejam usadas, no emergente PM, de uma forma diferente da PE.

Em termos de estrutura, o trabalho comporta, para além desta introdução, o capítulo da fundamentação teórica. Nesta parte do trabalho, procurámos discutir a noção de regência verbal, tipologia de verbos e tratamos igualmente do uso das preposições. Para além desse capítulo, neste trabalho há ainda um outro capítulo, que trata da metodologia, onde procuramos desenhar a metodologia que usámos neste trabalho. Neste capítulo, procuramos ainda analisar e discutir os dados recolhidos no campo.

I. Fundamentação Teórica

1. A Noção de Regência

Raposo *et alii* (2013: 1160) chamam regência à dependência que existe entre o núcleo de um sintagma e os seus complementos. Nesta relação, segundo os autores, o núcleo do sintagma é a categoria gramatical regente e os complementos selecionados por esses núcleos gramaticais constituem as categorias gramaticais regidas.

Assim, em frases como:

(2). O João cumprimentou os artistas, o verbo *cumprimentar* rege o complemento direto *os artistas*.

Como se pode depreender, a noção de regência usada por estes autores cobre não só a relação entre um regente e o seu complemento, enquanto constituinte, como também a relação existente entre um regente e o núcleo do seu complemento.

Segundo a explicação de Raposo *et alii* (2013:*idem*), numa frase como a que está em (2), o verbo *cumprimentar* rege o constituinte *os artistas* e também o núcleo desse constituinte, o substantivo *artistas*. Parece-nos que esta explicação é bastante redundante uma vez que nos pode induzir em erro de pensar que os dois constituintes (os artistas e artistas), em última análise, são o mesmo constituinte, o mesmo sintagma nominal. Mas a explicação ajuda-nos a entender outros casos, sobretudo, quando o complemento é um sintagma proposicional, pois permite captar a relação de dependência estreita que existe entre um verbo pleno e a preposição que introduz um complemento preposicionado. Nas frases que se seguem, o verbo pensar admite *em* (em (2)) ou *sobre* (em (3)) e não admite as preposições *para* (em (4)) e *com* (em (5)).

(3) A Maria pensou em ti todo o santo dia.

(4) O Pedro pensou *sobre* tudo o que a Maria anda a fazer.

(5) ?? O Alfredo pensou com ti todo o santo dia.

(6) ?? A Ana Paula pensou para tudo o que a Maria anda a fazer.

Ou seja, o verbo *pensar* rege as preposições *em* e *sobre*, mas não as preposições *para* ou *com*.

Repare-se que, até aqui, ao tratarmos da regência, ligamos esta noção a verbos, ou seja, a regência verbal. Todavia, a tradição gramatical luso-brasileira entende que a noção de regência não se limita, apenas, a verbos. Os nomes, como em (7) e os adjetivos, como em (8), também possuem a capacidade de regência, e esta relação chama-se *regência nominal* e àquela, como já dissemos, *regência verbal*.

(7) O nascer *do* sol é maravilhoso.

(8) Ofereci ao João o livro *que comprei ontem*.

1. 2. Quadros de regência verbal

Os verbos plenos em português não exibem o mesmo quadro de regência. Eles divergem entre si, quanto a quadros de regência, apresentando, deste modo, uma diversidade que a seguir ilustramos:

- (i) Verbos que não selecionam nenhum argumento ou *verbos de zero lugares*¹: são verbos que não selecionam nem argumento externo, nem argumento interno e denotam, geralmente, fenómenos da natureza. São predicados como os que a seguir apresento: *alvorecer, amanhecer, anoitecer, chover, chuviscar, entardecer, escurecer, nevar, relampejar, trovejar*.

(9)

(a) *Anoiteceu* cedo.

(b) *Choveu* muito.

(ii)

- (iii) Verbos que selecionam apenas um argumento ou *verbos unários ou de um lugar*, são verbos, *como adormecer, dançar, desmaiar, dormir, espirrar, ladrar, nadar, nascer, transpirar, uivar, voar, nadar, passear, suar, tossir*, os quais selecionam um argumento externo, que se realiza, geralmente, como um sujeito, podendo ser um sintagma nominal ou uma oração.

(10)

(a) *Os meninos* ainda não descansaram.

(b) *A Joana* desmaiou.

(c) *O Pedro* tossiu.

¹ Veja-se, apropósito, Pires & Moia (1995: 51).

- (iv) Verbos que seleccionam dois argumentos ou *verbos binários ou de dois lugares*: são verbos, como *acreditar, amar, coser, desistir, engolir, fazer, ler, ouvir, pintar, rasgar, temer, vencer, visitar, fechar, agradecer, obedecer, agradar*, etc. Estes verbos caracterizam-se por seleccionarem um argumento externo e um interno. O argumento interno pode ser um objeto direto ou um objeto indireto ou ainda um objeto oblíquo. O argumento externo é sempre um sujeito.

(a) *O Manuel visitou o pai*

(b) *Os africanos acreditam na reencarnação.*

(c) *A Paula obedece ao pai.*

- (v) Verbos que seleccionam três argumentos ou *predicados ternários ou de três lugares*: são chamados, na tradição gramatical luso-brasileira, verbos ditransitivos. São verbos como: *atirar, colocar, dar, dizer, emprestar, informar, pedir, obrigar, perguntar, persuadir, prometer, oferecer, falar, propor*, entre outros. A característica comum destes verbos é seleccionar um argumento externo, com a função de sujeito e dois argumentos internos, que podem ser um complemento direto com um complemento indireto, ou um complemento direto com um oblíquo ou ainda dois complementos oblíquos. Vejam-se, de seguida, alguns exemplos:

(11)

(a) *A Maria ofereceu um livro ao Paulo.*

(b) *A Teresa falou com o professor sobre o teu comportamento.*

(c) *A Luísa proibiu a Ana de ir ao teu encontro.*

(d) *O João guardou um livro na estante.*

- (v) Verbos que seleccionam quatro argumentos ou *verbos quaternários ou de quatro lugares*², são todos aqueles, embora seja uma classe de verbos raros em português, que seleccionam quatro argumentos. Os verbos como *arrastar, levar, passar, transferir, trazer, traduzir, comprar, transportar e vender* pertencem a este grupo.

(12)

- (a) *A Deolinda transferiu dinheiro do banco Bim para o banco BCI.*

² Cf. Heringer & Lima (1987: 65).

- (b) O comerciante vendeu dois quilos de peixe ao Paulo por 150,00 Meticais.

1.3. A diversidade da regência verbal

De uma forma geral, os verbos não se associam, de uma forma permanente e rígida, a um quadro único de regência. Alguns verbos são mais produtivos que outros. A verbos que possuem um quadro de regência maleável, costumam chamar, geralmente, os gramáticos pró-verbos ou verbos vicários. Assim, um verbo como *Falar*, segundo Raposo *et alii* (2013:1190), rege as preposições *de* ou *sobre*, sem, contudo, alterar o sentido, tal como se apresenta a seguir:

(13)

(a) A Paula falou de ti, na reunião

(a) A Paula falou sobre ti, na reunião

Um verbo como *chamar*, por exemplo: pode ter como complemento direto, (chamei um rapaz) ou um complemento oblíquo (chamei pelo rapaz). Com os outros verbos, o sentido altera-se de acordo com a preposição regida. Veja-se, por exemplo, com o verbo *olhar*, pode ocorrer a preposição *para* (*olhei para as crianças*) ou a preposição *por* (*olhei pelas crianças*). Como se pode depreender, o sentido que é atribuído ao complemento pela preposição *para* é totalmente diferente do sentido que é atribuído ao complemento pela preposição *por*.

O verbo *passar*, a par do verbo *fazer*, é daqueles verbos que, em português, oferecem um maior número de quadros de regência, tanto no que respeita ao número de argumentos, ao seu papel temático e à sua função na oração, como no que respeita à seleção da preposição regida. Com este verbo, a regência pode ser feita nos seguintes termos (i) *O Pires passou a bola ao/para o Tomás*; (ii) *a bola passou do Pires para o Tomás*; *o Alain Prost passou o Ayrton Senna*; (iv) *a Catarina passou pelo mercado*; (v) *o Mauro passou no exame de admissão*; (vi) *as tuas primas passaram as férias na China*; (vii) *esses factos passaram-se há dois anos em Nampula*; (viii) *o meu tio passou a viver em Monapo*; (ix) *a Teresinha gosta de passar por modelo*; (x) *depois da dose que tomou, ela passou-se completamente*.

1.4. Classificação dos verbos

A tradição gramatical luso-brasileira aponta para a existência de 6 tipos de verbos. Faria *et alii* (1996:269), para justificar a existência desses verbos, começa por explicar que, as frases, como as que se seguem abaixo, são agramaticais

(14)

(a) * O João tossiu a porta

(b)* O João tossiu um livro à Maria

(c)* ? O João tossiu para a Maria

Essa agramaticalidade fica a dever-se, nas palavras dos autores, ao facto de haver restrições na combinação dos *verbos* com os outros constituintes, facto que “nos permite distinguir na categoria V diferentes subclasses”.

Assim, as subclasses dos verbos, nessa classificação, podem ser: *verbos intransitivos*, que são aqueles que não seleccionam nenhum argumento interno. Podemos ter, ainda, os verbos *transitivos directos*, que, são, geralmente, aqueles que ocorrem com um argumento interno com a função de acusativo. *Os verbos transitivos directos e indirectos* são aqueles que ocorrem com um complemento direto e indireto. Nessa classificação, também se encontram os chamados *verbos transitivos indirectos*, que são todos aqueles verbos que seleccionam um complemento que é introduzido por uma preposição e, por fim, *verbos impessoais*, que são aqueles que não seleccionam um sujeito.

É bem visível que, nesta classificação, não estão incluídos os chamados verbos copulativos. É possível que a ideia que os autores nos querem transmitir é a de que este tipo de verbos ocorre com um argumento interno depois do verbo. Mas tal facto seria, mais uma vez, um engano, pois, houve separação entre os transitivos diretos e os indiretos, os quais, à semelhança dos verbos copulativos, ocorrem com um argumento interno.

Uma outra classificação de verbos é aquela que nos é apresentada por Raposo *et alii* (2013:1192), que vai ser a que vamos adotar neste trabalho, uma classificação que reconhece a existência de 4 classes de verbos, tendo em conta os seguintes critérios de classificação:

- (i) Seleção vs. não seleção de um argumento com a função de sujeito
- (ii) Seleção vs. não seleção de um argumento com a função de complemento direto.

Tendo em conta o primeiro critério, os gramáticos dividem os verbos em dois grandes grupos: *verbos pessoais*, que são todos aqueles que seleccionam um argumento externo com a função de sujeito e *verbos impessoais*, que são todos os verbos que não seleccionam o referido argumento. Tendo em conta o segundo critério de classificação dos verbos, estes gramáticos dividem os verbos em *transitivos e intransitivos*. A designação de *verbos transitivos* cobre, apenas, os verbos que seleccionam um complemento direto. E a terminologia *verbos intransitivos*, nesta aceção, cabe a todos aqueles verbos que não seleccionam o complemento direto.

Referem estes autores que esta classificação é cruzada, pois existem verbos transitivos e intransitivos tanto na classe dos verbos pessoais como na classe dos verbos impessoais.

Seguindo estes gramáticos, os verbos transitivos e intransitivos, por sua vez, subclassificam-se em verbos ergativos e inergativos.

1.4.1. Verbos pessoais e verbos impessoais

Na classificação de Raposo *et alii* (2013:1193), os *verbos pessoais* são aqueles que seleccionam um argumento com a função de sujeito, concordando em pessoa e número com o verbo, podendo ou não seleccionar um complemento. Por sua vez, os *verbos impessoais* não seleccionam nenhum argumento com a função de sujeito, mas podem ou não seleccionar um complemento.

Os verbos impessoais, em português, são escassos. Verbos como *amanhecer*, *anoitecer*, *ventar*, *chover*, *nevar* e, em geral, todos os verbos que descrevem ações da natureza, pertencem a este grupo. Como se pode depreender, estes verbos são simultaneamente impessoais e intransitivos. Mas há um grupo de verbos impessoais, que seleccionam um argumento externo, tais como *haver* e *fazer*, quando denotam a duração e os verbos *bastar*, *chegar*, *doer* e *tratar-se*, quando estes verbos regem a preposição, como se ilustra, a seguir:

(15)

- (a) Já chove!³
- (b) Havia [muitos animais] [em casa dos meus avós]
- (c) Faz/ Há [cinco anos] que não vou a Paris.
- (d) Basta/ Chega [de choraminguices]!
- (e) Trata-se [de questões de suma importância]
- (f) Dói-me [do lado direito]

Não tendo o sujeito gramatical, dizem os autores, os verbos impessoais conjugam-se, numa forma invariável, na 3.ª pessoa do singular.

1.4.2 Verbos transitivos e verbos intransitivos

Os *verbos transitivos* são todos aqueles que seleccionam um complemento directo, podendo ou não seleccionar um complemento indirecto. Entenda-se, enquanto na classificação feita por Faria *et alii* (1996), os verbos transitivos podem ser directo e indirectos, aqui, consideram-se, apenas, como transitivos, os verbos que seleccionam um argumento com a função de *acusativo*. Os argumentos seleccionados pelos verbos com a função de *dativo* e *obliquo* não os podem levar, nesta classificação, a ser transitivos, como veremos, mais adiante. São tidos como transitivos, os verbos *mastigar*, *comer*, *desejar*, *fechar*, *guardar*, *nomear*, *oferecer*, *persuadir*, *proibir*, *propor*, *surpreender*, entre outros. Vejam-se, de seguida, alguns exemplos:

(16)

- (a) A Maria comeu uma banana.
- (b) O Manuel proibiu a Paula de ir ao cinema
- (c) Albertina guardou o livro na estante
- (d) O Pedro ofereceu um livro ao Paulo

Já os *verbos intransitivos* são aqueles verbos que não seleccionam um argumento interno com a função de acusativo. Pertencem a este grupo os verbos impessoais e cabem, ainda, nesta designação os chamados pela gramática tradicional verbos transitivos indirectos. Assumimos, neste trabalho, junto com Raposo *et alii* (2013:1195), que os verbos

³ Os exemplos, desta parte do trabalho, são todos de Raposo *et alii* (2013), mas a enumeração é nossa.

transitivos indiretos pertencem a este grupo, porque, como já havíamos dito, não selecionam um complemento direto. Assim, parece termos ganhado a legitimidade de afirmar que *verbos como bastar, chover, nevar, descansar, desmaiar, durar, florir, nascer, pensar, portar-se, tossir*, pertencem a este grupo de verbos.

(17)

- (a) A Teresa tossiu.
- (b) Este livro pertence ao Francisco.
- (c) Eu penso sempre em ti.
- (d) O concerto durou duas horas.
- (e) O Dinutu passou por tonto.
- (f) O professor falou com os alunos sobre a linguística.

Esta dupla divisão destes verbos permite, por sua vez, que haja outras subclasses de verbos. Desta forma, os verbos transitivos podem ser divididos nos seguintes subgrupos:

- (i) *Verbos transitivos simples*, também designados por verbos transitivos em Mateus *et alii* (2003) e transitivos diretos em Cunha & Cintra (1984), são aqueles verbos que, apenas, selecionam um complemento direto. Os verbos *abrir, adorar, agarrar, aprender, atacar, beber, comer, cantar, chatear, compreender, conseguir, construir, crer, descobrir, detestar, empregar, enganar, entender, escrever, esquecer, estudar, fazer, frequentar, ganhar, imaginar, lavar, ler, matar, organizar, ouvir, queimar, querer, recordar, sentir, supor, ter, ultrapassar, ver, surpreender*, entre outros verbos, como ilustram as construções que se seguem

(18)

- (a) A Florentina bebeu *água*.
 - (b) O Artur deseja *que os convidados cheguem antes da 7*.
 - (c) Surpreendeu *o António* que a Maria tivesse viajado.
- (ii) *Verbos ditransitivos*, também designados por verbos transitivos diretos e indiretos em Cunha & Cintra (1984), são aqueles que, para além de selecionarem o complemento direto, selecionam igualmente um complemento indireto. São verbos como: *anunciar, apresentar, comprar, dar, dizer, mostrar, oferecer, pagar, vender, sugerir, prometer, emprestar*, entre outros.

(19)

- (a) O Vicente *ofereceu* um livro ao Gonçalves
 - (b) Os meninos *pagaram* muito dinheiro ao florista
 - (c) A Joaquina *vendeu* um par de pombos ao Rafael.
- (iii) Verbos transitivos com complemento oblíquo, também designados por verbos transitivos diretos e indiretos em Cunha & Cintra (1984), possuem semelhança com os descritos em (ii). A diferença reside no facto de estes selecionarem um complemento oblíquo e não indireto. Neste grupo, enquadram-se verbos como: *confundir, partilhar, repartir, afastar, aproximar, esconder, converter, enfiar, transformar, distribuir, substituir, trocar, obrigar, proibir, impedir, acusar, colocar*, entre outros verbos

(20)

- (a) A Josimara *confundiu* os meninos com o sapo.
 - (b) A Rita *colocou* o livro sobre a carteira.
 - (c) A Margarida *partilhou* o almoço com os amigos
- (iv) *Verbos transitivos predicativos* são todos aqueles, que, em Mateus *et alii*. (2003:297) são definidos como sendo os que selecionam um argumento externo e um interno que, é categoricamente, uma oração pequena. O sujeito da oração pequena possui a relação gramatical de objecto direto e o núcleo da oração pequena possui uma relação gramatical de predicativo de objeto direto. Referem estes autores que “se tivermos em conta exclusivamente propriedades sintáticas de superfície, na linha da tradição luso-brasileira, é possível considerar que o sujeito da oração pequena se comporta como objeto direto de toda oração”:

(21)

- (a) O Manuel *acha* este livro *interessante*.
- (b) A falta de preparação *tornou* a equipa *fraca*.
- (c) O Presidente da República *nomeou* Alberto Vaquina *primeiro ministro*.
- (d) A Unesco *classificou* o Nyau *património da humanidade*.

Por sua vez, os verbos intransitivos podem ser classificados em:

- (i) *Verbos intransitivos simples*, que são todos os verbos que não seleccionam nenhum argumento tanto externo como interno e aqueles que seleccionam, apenas, um argumento externo com a função de sujeito. O primeiro grupo inclui, apenas, os verbos meteorológicos, como *chover, trovejar, ventar, amanhecer*, entre outros e o segundo grupo inclui verbos pessoais como *brincar, morrer, nascer, espirar, florescer, sonocar, dormir*.

(22)

- (a) Hoje *choveu* muito.
(b) Hoje *amanheceu* com o céu coberto de nuvens.
(c) A criança *nasceu* bem.
(d) A Paula *dorme* tranquilamente.
- (ii) *Verbos intransitivos com complemento indireto* também designados por verbos *transitivos indiretos* em Cunha & Cintra (1984). São verbos como os que se exemplificam, a seguir em (23). Estes verbos caracterizam-se por seleccionarem um complemento indireto. Os verbos como *obedecer, acudir, bastar, constar, faltar, perdoar, pertencer, sobreviver, repugnar, concordar, convir*, entre outros, pertencem a esta classe de verbos.

(23)

- (a) A Maria *obedeceu* ao pai.
(b) O livro *pertence* à Catarina
(c) *Custou* ao pai que a Natália tinha ido ao baile.
- (iii) *Verbos intransitivos com complemento oblíquo* são verbos que subcategorizam um complemento oblíquo preposicionado. Os verbos como *assistir, chegar, depender, entrar, faltar, morar, partir, recorrer, sair*, entre outros, pertencem a esta classe de verbos

(24)

- (a) O Fernando chegou esta tarde de Maputo.
(b) A Rebeca assistiu ao episódio da novela de ontem.
(c) A Patrícia faltou ao encontro de ontem.

Esta classificação de verbos, embora um pouco mais detalhada em relação a apresentada por Faria *et alii* (1996), não nos parece igualmente completa, pois foram ignorados os verbos copulativos. Uma divisão mais detalhada deveria ainda distinguir entre os verbos ergativos e os energativos, mas não nos parece muito pertinente esta classificação para o presente trabalho.

1.5. As preposições

Não é fácil encontrar uma definição consensual sobre a noção de preposição. Alguns gramáticos, como Cunha & Cintra (2005:551), por exemplo, preferem usar uma definição relacional, ao afirmarem que as “preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)”, como em

(25)

Vou **a** Maputo.

Na mesma linha de Cunha & Cintra (1999), encontramos a gramática de Matos *et alii* (2013:) ao explicar que “a preposição é uma palavra invariável que relaciona dois termos de uma oração.”

Vista desta forma, esta definição parece-nos que não prevê que uma preposição possa introduzir uma oração. Ou seja, que a relação entre as palavras não se situa, apenas, a nível de orações, como também podem acontecer a nível inter-oracional, como em

(26)

a. *Até* que eles decidam, fico ansiosa.

b. *Para* que tudo ocorresse bem, houve muito trabalho.

Raposo *et alii* (2013:1497) usam uma definição funcional, afirmando que as preposições “são palavras invariáveis e geralmente monossilábicas, cuja função consiste em estabelecer uma relação sintática e semântica entre expressões,” e dão o seguinte exemplo:

(27)

a. O Pedro voltou *para* o seu escritório tarde.

x y

b. Vieram à festa vários amigos *do* meu irmão.

x y

c. Eu fiquei contente *com* o seu comportamento.

x y

d. A reunião realizou-se paralelamente *ao* encontro.

x y

para estes autores, o termo que assume a função de x , é chamado *subordinante*, sendo aquele que determina que a presença de uma determinada preposição. E por sua vez, a preposição determina a presença de um termo y . O termo x pode pertencer a qualquer classe gramatical, uma vez que a regência não ocorre, apenas, com os verbos. Já a posição assumida pelo termo y , no eixo paradigmático, é ocupada, geralmente, por um sintagma nominal, embora possa, igualmente, ser ocupada por uma oração finita.

Vilela (1999:249) entende que a “preposição (= pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente de ‘um certo modo’ da sequência que precede a preposição”. Mais adiante, o autor afirma que à semelhança das conjunções, as preposições têm a função de ligar elementos linguísticos e caracterizar determinadas relações semânticas entre esses elementos. Vilela (1999:250) explica que “tanto as preposições como as conjunções são palavras de ligação, são invariáveis e não podem funcionar como elementos frásicos. Contudo, as preposições distinguem-se das conjunções pela sua capacidade de regência e por serem semanticamente a expressão de uma dada relação”.

Nesta discussão, o que é importante salientar é que estas palavras são usadas para fazer a interligação de palavras, estatelando, de uma forma obrigatória ou facultativa, uma relação semântica entre duas palavras. Repare-se que nenhum elemento deve intervir entre a preposição e o seu complemento.

Diga-se, com Vilela (1999:252), que não se pode dizer, como em (Cunha & Cintra, 1999), que uma preposição tem tal ou tal valor, porque a mesma preposição pode ter vários valores, mas podemos afirmar que as preposições possuem um valor protópico, que pode ser ou de *lugar* ou de *tempo* ou de *lugar e tempo*, e, depois, adquirem valores abstratos

(28)

- (a) Ele veio de Vila Real.⁴
- (b) Ele veio de manhã.
- (c) Ele veio de comboio . (= instrumento)
- (d) Ele morre de fome (= causa)
- (e) Ele treme de frio.

Segundo Vilela (1999: *ibidem*), de um ponto de vista onomasiológico, conforme o autor, “tempo”, podemos observar que as preposições se entrecruzam com outros elementos para exprimir nas suas várias modalidades esse domínio nocional:

- *a/de*: à noite- de noite, à noitinha*-de noitinha, à tardinha, ao pôr do sol, à tarde- de tarde, ao romper do dia- de madrugada, ao cair da noite; no verão- de verão, no inverno -de inverno.
- *por/sobre*: pela manhã, pela tarde, sobre a madrugada, etc.
- *em/a*: no dia 10 de junho/ a 10 de junho; no sábado/ ao sábado, nos sábados/ aos sábados.
- *por/volta de/cerca de*: pelas 10 da madrugada/por volta das 10 da manhã/ cerca do meio-dia, lá pelas tantas da matina, etc.
- *O* (Trabalhei) todo o dia/ sábado, etc.
- *desde aí/então/ ali*, etc.
- *sempre/nunca*: etc

Vemos que as preposições comportam e transportam um determinado valor, mas muitas vezes é o substantivo ou a expressão no seu conjunto que arrasta o conteúdo da preposição para domínio temporal, local, ou valores abstratos

1.6. O sistema das preposições espaciais

Segundo Raposo *et alii* (2013:1541), as preposições simples com valor espacial básico são *a, de, em, para e por*. Estas preposições relacionam uma entidade com um lugar no qual se encontra, ou do qual ou para o qual se move. Nas palavras destes autores, são estas preposições que possuem um sentido mais geral no domínio espacial, na medida em que podem ser usadas independentemente da conceção do espaço como uma superfície ou como um volume, e independentemente da orientação do movimento. Refira-se que são estas as preposições que, igualmente, coocorrem com os verbos de movimento e de espaços.

⁴ Os exemplos são de Vilela (1999:252).

1.7. As preposições locativas e as preposições direcionais

Apesar de termos referenciado anteriormente que há 5 preposições básicas — *a, de, em, para e por* —, não quer isso significar que elas possuam o mesmo comportamento. A preposição *em*, por exemplo, opõe-se às restantes preposições por representar uma localização espacial estática de uma entidade, no lugar que ocupa. Por sua vez, as preposições *a, de, para e por* representam um movimento direcional dinâmico, perspectivado de forma diferente, de acordo com o tipo de preposição. A tradição gramatical luso-brasileira chama às preposições que marcam a localização espacial estática *preposições locativas*. E as preposições que indicam um movimento direcional dinâmico são chamadas *preposições direcionais*. Estas preposições podem marcar o lugar de origem do movimento (*de*), o lugar final do movimento (*a*) e (*para*) e um lugar intermediário de trajeto entre o lugar de origem e o lugar final (*por*), como atestam as frases que se seguem:

(29)

- (a) Estou *em* Maputo a gozar as minhas férias
- (b) Regressei *de* Tete ontem .
- (c) Vou *a* Londres no próximo mês.
- (d) Vou trabalhar *para* Tete para o ano.
- (e) Passei *pelo mercado*, quando ia à Escola.

Relativamente a papéis temáticos⁵, costumam, os gramáticos, atribuir o papel temático *tema*, à expressão que designa a entidade que se localiza estaticamente ou que se move dinamicamente. Nos exemplos anteriores, a expressão *eu*, que é o sujeito subentendido das frases acima, possui o papel de *tema*. Já o *locativo* é o constituinte que designa o lugar onde se localiza estaticamente o tema. Nos exemplos acima, a expressão *em Maputo*, na frase em (a) é um locativo. Chama-se *fonte* ou *origem* à expressão que representa o lugar de *origem* do movimento. Nos nossos exemplos, a expressão *de Tete* designa-se *fonte*. O constituinte que representa o lugar final do movimento chama-se *destino*. Assim, as expressões *a Londres*, em (c) e *para Tete*, em (d) são *destino* ou *alvo* ou ainda *meta*. Chama-se *passagem* o constituinte que representa um lugar de passagem na trajetória que vai da origem ao destino. A expressão ‘*pelo mercado*’ é uma *passagem*.

⁵ Veja-se, a propósito Francisca & Xavier (1992).

Na explicação que dão Raposo *et alii* (2013:1542), entende-se que as preposições direcionais não se limitam a marcar a origem ou o destino do movimento da entidade representada pelo tema. A preposição *de*, por exemplo, “marca igualmente separação e afastamento do tema relativamente ao lugar de origem, à medida que se vai desenrolando o seu trajeto; inversamente, as preposições *a* e *para* marcam aproximação (no caso limite, junção) do tema relativamente ao lugar final da sua trajetória.

1.8. As preposições direcionais *a* e *para*

As preposições *a* e *para* são ambas direcionais e marcam um constituinte com o valor de destino. A preposição *a* é usada, geralmente, em português para marcar deslocações curtas a um lugar. Nessa deslocação pressupõe-se um regresso rápido ao lugar de origem, como em

(30)

Vou ao mercado.

Já a preposição *para* é usada para marcar deslocações de duração longa ou extensa ou, ainda, quando não há qualquer previsão de regresso breve ao lugar de origem, como em

(31)

Vou viver para Tete.

Estamos aqui a tentar dizer que, a preposição *a* não pode ser usada com o valor estável em vez de *para*. Portanto, se quisermos exprimir, com o verbo *ir*, por exemplo, a noção de uma viagem duradoura ou sem regresso rápido só podemos usar a preposição *para*. Lembre-se, no entanto, que a preposição *para* pode também ter um valor estático, sobretudo, na linguagem coloquial, em circunstâncias em que não se pretende, exatamente, o lugar, como em

(32)

O Paulo vive lá para a zona de Muaivire.

Em síntese

Procurámos, nesta parte do trabalho, num primeiro momento, discutir a noção de regência verbal. Afirmámos que, apesar de estreitamente, neste trabalho, termos tratado de regência verbal, a gramática luso-brasileira reconhece igualmente a regência nominal.

Dissemos igualmente que a regência verbal é a dependência existente entre o verbo e os seus complementos. Esta dependência, por sua vez, condiciona a existência de um quadro de regência que nos permite falar, em português, de verbos de *zero lugares*, aqueles que não pedem nenhum argumento; verbos de *um lugar*, aqueles que seleccionam um argumento à esquerda do verbo; verbos de dois lugares, que são aqueles que pedem um argumento externo e um interno, verbos de três lugares, que são todos aqueles verbos que possuem um argumento externo e dois internos. Dissemos que, embora em número reduzido, existem verbos de quatro lugares, sendo um externo e três internos.

Dividimos os verbos do português em verbos transitivos e verbos intransitivos. Dissemos que a transitividade ou não de um verbo está condicionada pelo facto de seleccionar ou não um complemento direto. Assim, todos os verbos que seleccionam um complemento direto foram classificados como transitivos e os que não seleccionam o complemento como verbos intransitivos.

Depois, para finalizar, discutimos amplamente a noção de preposição. Falámos de preposições locativas, direccionais e espaciais. Fizemos uma ligação entre as preposições locativas e direccionais e os papéis temáticos. Houve espaço, neste trabalho, para discutirmos, ainda, as circunstâncias em que se devem usar as preposições locativas e direccionais do português.

II. METODOLOGIA DO TRABALHO

Nesta parte do trabalho, vamos apresentar os procedimentos metodológicos, usados para a sua caracterização.

2.1. O MÉTODO

A palavra método, em Gil (2008:8), significa o caminho para se chegar a um determinado fim. Ainda, segundo este autor, em ciência, o método é o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. Para outros autores, como Richardson (1999: 22), método é a junção dos termos gregos *meta* (além de, após de) e *odós* (caminho), sendo definido como “o caminho ou maneira para chegar a determinado fim ou objetivo”

Assim, neste trabalho, o método escolhido é o *hipotético-dedutivo* e, a partir deste, procuramos verificar a validade ou não das hipóteses apresentadas mediante o problema levantado. Lakatos & Marconi (1992:106), explicam que este método se “inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual se formulam hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, se testa a predição da ocorrência dos fenómenos abrangidos pela hipótese.” Refira-se, ainda, que, segundo Carvalho (2009:89), o propulsor deste método, Popper (1977) “defendia a tese de que a ciência começa e termina com problemas e, portanto, a abordagem hipotética-dedutiva era a mais adequada na investigação científica.” Na continuidade, Carvalho (2009:ibidem), seguindo o raciocínio de Popper (1977) explica que:

Quando os conhecimentos científicos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenómeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipótese formuladas, deduzem-se conseqüências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as conseqüências deduzidas das hipótese. Enquanto no método dedutivo se procura a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procura-se evidências empíricas para derrubá-las.

De facto, para efectuarmos este trabalho, primeiro notámos que os alunos da Escola Secundária de Nampula usavam de uma forma estranha (como pudemos já ilustrar na nossa introdução) as preposições em locativas. A partir dessa constatação, formulámos três hipóteses que vão ser testadas ao longo do trabalho e serão comprovadas ou refutadas, mediante os resultados.

Para além deste método que será, naturalmente, o principal, vamos, igualmente, usar o método estatístico. Este método mostra-se ajustado à nossa pesquisa, uma vez que iremos construir tabelas com os nossos dados. Essas tabelas implicam, naturalmente, que se use a estatística para se explicar, com precisão, a frequência e a ocorrência do fenómeno ora em estudo.

Refira-se que Carvalho (2009) explica que “a interpretação de dados é um dos aspectos mais importantes da estatística e deve entender-se como esforço tendente a detectar ou aprender as características ou leis gerais que regem os fenómenos a que dizem respeito os dados observados.” Afirma ainda que “este método permite obter conjuntos complexos e representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Possibilita a redução de fenómenos sociológicos, económicos e outros, em termos quantitativos. A manipulação estatística permite comprovar as relações dos fenómenos entre si e obter generalizações sobre a sua natureza, ocorrência ou significado.”

2.2. Tipo de Estudo

O presente estudo vai ser designado de diversas formas, de acordo com os objetivos a serem alcançados, os procedimentos usados para a recolha e análise dos dados que corporizam e dão forma ao mesmo, a natureza do próprio estudo e as modalidades de abordagem do tema:

i) Quanto aos Objetivos

O presente estudo, quanto aos objetivos é uma pesquisa do tipo explicativo. Nas palavras de Gil (1994:207), a pesquisa explicativa é “aquela que se inicia pela identificação dos factores que determinam certos fenómenos e explica o porquê das coisas. Por outras palavras, a pesquisa explicativa preocupa-se com a identificação dos motivos, das razões, das causas que determinam a ocorrência de um fenómeno, num determinado campo de estudo.”

A nossa maior ambição é, de facto, tentar encontrar as razões que fazem com que os alunos da Escola Secundária de Nampula usem, de uma forma indevida, as preposições em verbos locativos. Nenhum estudo pode ser considerado totalmente descritivo ou

explicativo ou ainda experimental. Qualquer um destes tipos de estudo, no seu desenvolvimento, acaba abarcando uma série de características de um outro estudo.

Sendo assim, apesar de o presente trabalho estar virado para as motivações que fazem com que os alunos da escola em causa usem de uma forma inadequada as preposições locativas, entendemos que, em algum momento, o estudo vai descrever alguns fenómenos de uso das preposições, sem, contudo, o estudo ser considerado descritivo.

ii) Quanto à abordagem

Gil (1994:207) explica que, quanto à abordagem, uma pesquisa pode ser quantitativa ou qualitativa. Assim sendo, consideramos a presente pesquisa como sendo quantitativa. Como deixamos claro neste capítulo, os dados colhidos vão, a partir do método estatístico, ser quantificados. As tabelas, os gráficos e os quadros vão ajudar-nos a melhor visualizar e quantificar todos os dados que serão apresentados.

Desta forma, a quantificação, a partir do referido método estatístico, vai permitir-nos tirar ilações seguras e rigorosas sobre as possíveis causas que originam o uso inadequado de preposições locativas. Recorde-se que “não obstante o precioso auxílio da estatística, importa ter presente que a pesquisa científica não oferece certezas, nem mesmo certezas relativas. Oferece apenas conhecimentos probabilísticos. (Carvalho, 2009: 138).

De acordo com Meneses & Silva (2001:20) considera-se pesquisa quantitativa tudo o que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para as classificar e as analisar. Este tipo de estudo requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

iii) Quanto aos procedimentos

Quanto aos procedimentos, consideramos a presente pesquisa um *estudo de caso*. O estudo de caso preocupa-se em fazer um estudo exaustivo e aprofundado de um ou poucos objetos. De facto, no presente trabalho vamos, apenas, fazer o estudo das causas que originam o uso desviante das preposições locativas.

As preposições em causa são cinco, o que nos leva a pensar que são poucos objetos, além do facto de os objetos (as preposições) pertencerem à mesma classe gramatical. Gil

(1994:207) entende que o *estudo de caso* envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o amplo e detalhado conhecimento sobre o mesmo.

iv) Quanto à natureza

A presente pesquisa, quanto à natureza é *aplicada*. Diz-se que uma pesquisa é aplicada, quando, segundo Gil (1994:207) se “objectiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à soluções de problemas específicos.”

De facto, ao procurarmos as causas que fazem com que os nossos informantes usem de forma desviante as preposições locativas, pretendemos, com isso, em última estância, ilustrar que o Português falado em Moçambique tende cada vez mais distanciar-se do PE, o que pode, ajudar, tanto os planificadores das políticas linguísticas, como os responsáveis pela educação em Moçambique a desenhar metodologias adequadas para o ensino desta língua no contexto moçambicano. Aos linguistas, a presente pesquisa pode servir de importante fonte de informações na possível padronização do português moçambicano.

2.3.Universo e Amostra da pesquisa

População (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo e a amostra é parte da população ou do universo, seleccionada de acordo com uma regra ou plano. A amostra pode ser probabilística e não-probabilística.

Assim sendo, o universo do nosso trabalho vai englobar todos os estudantes da 12.^a classe da Escola Secundária de Nampula, tanto os do curso diurno, como os de curso noturno. E a nossa amostra é de 200 alunos da 12.^a classe da escola em causa. Refira-se, segundo Meneses & Silva (2001:33), que “Para definição das amostras recomenda-se a aplicação de técnicas estatísticas.” Apesar de a aplicação de técnicas estatísticas ser o mais recomendável, não optámos por essa via por acharmos que essas técnicas nos iriam conduzir a uma amostra bastante elevada, tendo em conta o número elevado de estudantes que frequentam aquela classe.

Assim, optámos por fazer uma amostra não-probabilístico accidental. Este tipo de amostra implica que a sua composição seja feita por pessoas que vão aparecendo por acaso. Não foi exatamente o que aconteceu. O que fizemos foi pedir que um grupo de

estudantes, previamente selecionado, entrasse em 4 salas para preencher o questionário (100 alunos) e produzir um texto (100) alunos.

2.4. Materiais

Os materiais que usamos neste trabalho são de 2 tipos, a saber: redações escolares e um teste de comportamento linguístico provocado.

2.4.1. Redações escolares

Para a produção das redações escolares, apesar de sermos docentes efetivos daquela escola, contactámos o sector pedagógico, mostrando a nossa intenção de fazer uma pesquisa nas 12.^{as} classes. Explicámos, na ocasião, os objetivos e o âmbito da pesquisa que pretendíamos levar a cabo. Seguidamente, passámos por 5 turmas do curso diurno e por igual número de turmas do curso pós-laboral e seleccionámos, em cada turma, 20 alunos, 10 de cada sexo, para participarem da pesquisa.

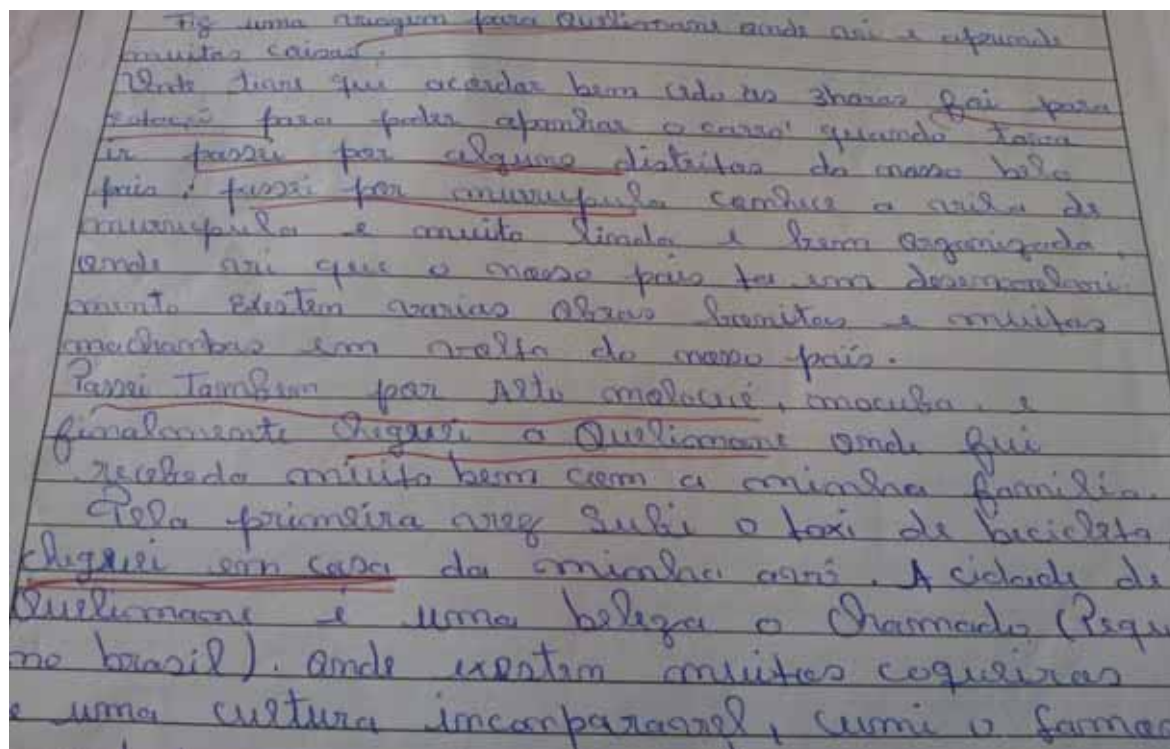
Houve, durante o processo, alguns alunos que se mostravam indisponíveis para a pesquisa, os quais foram, pontualmente, substituídos por outros informantes. Na sequência, como uma turma de 100 informantes não podia ser vigiada por uma única docente, pedimos a alguns colegas para nos auxiliarem e repartimos o número de informantes em 4 grupos. Portanto, foram formadas 4 turmas de 25 informantes cada. É importante frisar que, apesar de o processo de seleção dos alunos ter sido no mesmo momento, os dois exercícios não foram feitos no mesmo momento. Entrou nas salas, primeiro, o grupo que produziu os textos e, posteriormente, entrou, nas mesmas salas, o grupo que preencheu o Teste de Comportamento Provocado.

A vigilância era importante já que iria evitar que os alunos se influenciassem ou plagiassem textos previamente concebidos na Internet. Pedimos, de seguida, que os alunos produzissem uma redação sobre uma possível viagem de férias. Era importante igualmente que o texto fosse manuscrito, porque, para além de poder ilustrar como os alunos usam as preposições locativas, iria permitir, igualmente, aferir os outros tipos de desvios que ocorrem neste informantes.

Refira-se que tanto os informantes como os outros docentes que nos auxiliaram a vigiar a produção dos textos não tinham informação sobre a finalidade do textos, para que

os mesmos não fossem manipulados. Ou seja, se os informantes soubessem a finalidade dos textos, provavelmente iriam escrever o que normalmente não escrevem e isso iriam fornecer-nos resultados com alguma dose de falsidade. Corrigimos, posteriormente, os textos, sublinhando, sobretudo, todas as partes em que os alunos usaram as preposições de movimento, como ilustra a imagem que se segue:

Fig.1: ilustração de como foram trabalhados os texto



2.4.2. O teste de comportamento linguístico provocado

O teste de comportamento linguístico provocado tinha dois objetivos. O primeiro era captar as informações sociolinguísticas que, por via de produção de redações, não seriam captadas. Um dos dados mais importantes recolhidos por meio dessa ficha sociolinguística diz respeito às línguas faladas pelos informantes e à sua respetiva proveniência. A ficha que foi aplicada aos estudantes é igual à que a seguir apresentamos e que foi extraída, com as devidas adaptações, de www.itelec.pt/diviling/-pdfs/ficha-sociolinguistica.pdf em 24.03.2014. A seguir, apresentamos a referida ficha:

INFORMAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

1. FICHA DO INFORMANTE

1. O INFORMANTE

1.1. Código: _____

1.2. Identificação

1.2.1. Nome:

1.2.2. Sexo: M ☐ F ☐

1.2.3 – Idade:

1.2.4. Estado civil:

1.2.5. Naturalidade (prov. cid. bairro):

1.2.6. Nível de escolaridade: _____ outros cursos:

1.2.7. Profissão/ocupação:

1.3. Mobilidade

1.3.1..Tempo de residência no bairro/província:

1.3.2. Pessoas com quem vive:

1.3.3. Outras residências/duração:

2. INFORMAÇÃO RELATIVA AOS PAIS

2.1. Língua(s) falada(s) pela mãe:

2.2. Língua(s) falada(s) pelo pai:

2.3. Profissão da mãe:

2.4. Profissão do pai:

2.5. Em que país/província nasceu a mãe:

2.6. Em que país/província nasceu o pai:

2.7. Habilitações literárias da mãe:

2.8. Habilitações literárias do pai:

3. INFORMAÇÃO RELATIVA ÀS LÍNGUAS FALADAS PELOS INFORMANTES

3.1. Língua materna

3.2 Que outras línguas conhece/fala?

3.3. Com quem/onde aprendeu a falar português:

3.4. Língua(s) falada(s) com a mãe:

com o pai:

com os irmãos:

com os amigos (da escola):

com pessoas fora da escola (familiares, amigos...)

3.5. Língua em que lê:

3.6. Língua em que vê televisão:

3.7. Tem livros em casa? Escritos em que língua?

3.8. Em que língua gosta mais de falar?

3.9. Gosta de aprender Português?

3.10. Quando fala em Português, faz-se entender?

2.4.Os Códigos

De modo a termos facilidade de tratamento de dados, codificámos tanto as fichas que continham a informação sociolinguística e o teste de comportamento provocado, como os textos produzidos pelos nossos informantes.

Os informantes que produziram os textos não são os mesmos que produziram os testes de comportamento provocado. Assim, tivemos que atribuir códigos diferentes aos dois grupos. Aos informantes do Teste de Comportamento Provocado, atribuímos as três letras iniciais do nome do Teste, portanto TCP, seguidas de um número. O número corresponde à enumeração dos informantes. Assim, produzimos códigos do tipo TCP1, TCP2, TCP3 e assim, por diante. Aos informantes que produziram textos, atribuímos as letras iniciais das palavras “Informante do Texto”, tendo, na sequência, produzido códigos do tipo IT1, IT2, IT3 e assim por diante.

2.6. As línguas faladas pelos nossos informantes

Já está mais que provado que as línguas faladas pelos informantes em estudos linguísticos são muito importantes, uma vez que permitem perceber se os desvios que se produzem têm que ver com uma das línguas faladas pelo informante. Neste estudo, é importante recordar que, em Moçambique, se falam mais de 40 línguas de origem bantu e uma dezena de línguas de origem asiática. Também se falam neste território outras línguas de origem europeia, como é o caso de alemão, francês, inglês, holandês, apesar de os dados

oficiais, como os censos, não reconhecerem a existência dessas línguas. Fala-se igualmente o lingala (língua de congo) e somali (da somália). Não há dúvidas de que grande parte das línguas faladas em Moçambique é de origem bantu.

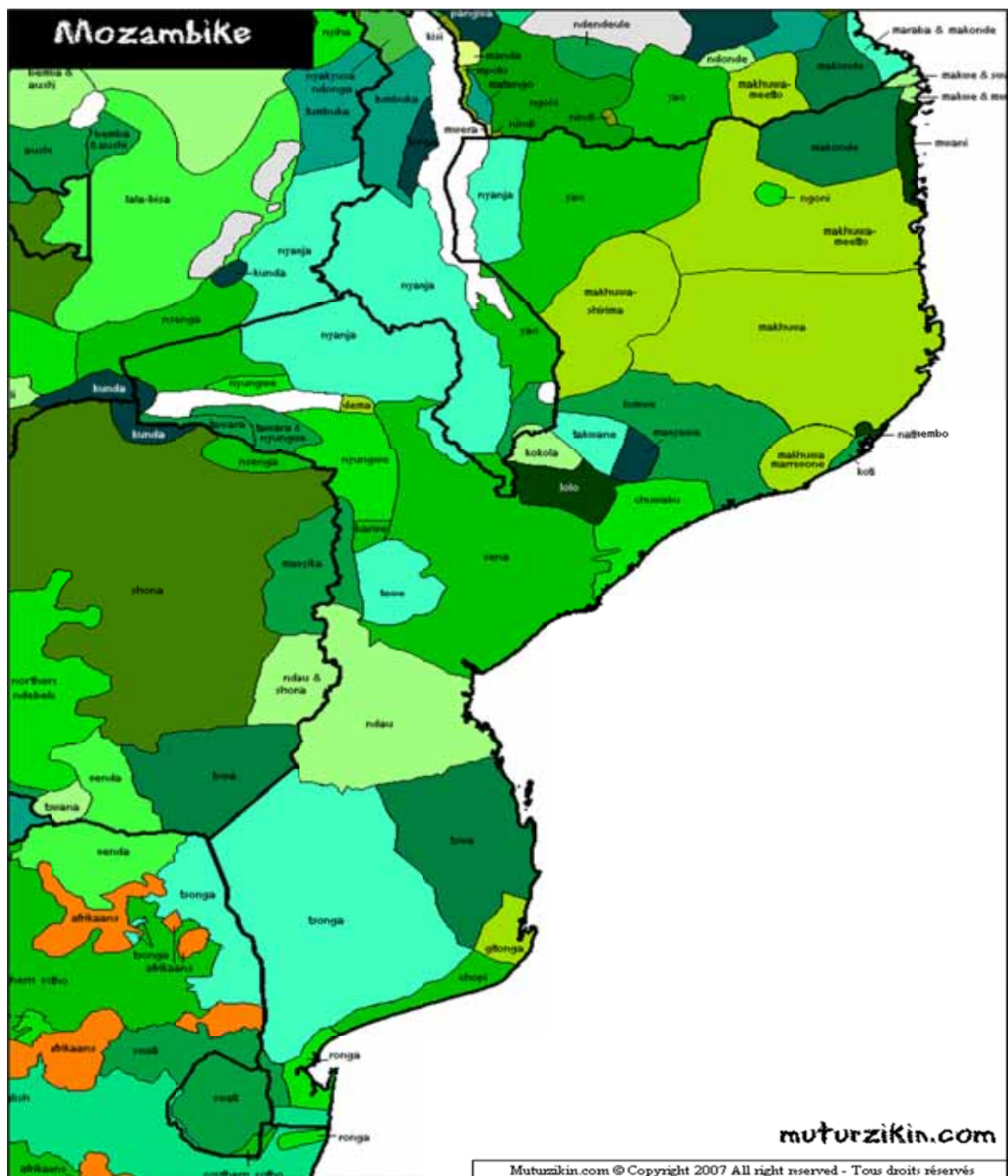
Em alguns estudos, como os de Gonçalves, Chimbutane, entre outros, aponta-se para a possibilidade de estas línguas influenciarem o português falado em Moçambique. São as seguintes as línguas faladas neste território, tendo em conta o mapeamento de Firmino (2006:47), que se apoia em Guthrie (1967-71). ZONA G:2, com o grupo linguístico G. 40, composto pelo Swahili; ZONA P, com os grupos P.20 (Yao), composto pelas línguas Yao (P. 21), Makonde (P. 23) 4, Mabiha/Mavia (P. 25) e o grupo linguístico P. 30 (Makua), com as línguas Makua (P. 31), Lomwe (P. 32), Ngulu/ W. Makua (P33) Cuabo/ Cuambo (P. 34); ZONA N, com o grupo linguístico N. 30 (Nyanja), com as línguas Nyanja (N. 31a), Cewa (N. 31 b), Mananja (N. 31c) e o grupo linguístico N. 40 (Senga-Sena), composto pelas línguas Nsenga (N. 41) Kunda (N. 42), Nyungwe (N. 43), Sena (N. 44), Ruwe (N. 45), Podzo (N. 46); ZONA S, com o grupo linguístico S. 10 (Família Shona), com as línguas Korekore (S. 11), Zezuru (S. 12), Manyika (S. 13a), Tebe (S. 13b), Ndau (S. 15), o grupo linguístico S. 50 (Tswa-Ronga), com as línguas Tswa (S. 51), Gwamba (S. 52), Tsonga (S. 53), Ronga (S. 54) e o grupo linguístico S. 60 (Chopi), de que fazem parte as línguas Chopi/Lenge (S. 61) e Tonga/Shengwe (S. 62).

Porém, não são somente estas as línguas faladas neste território; os dados recentes, embora não oficiais, disponíveis em muturzikin.com, mostram um panorama linguístico mais complexo do que este. Os estudos recentes mostram que em Moçambique, se falam mais de 40 línguas, que são: Barwe (Balke, Cibalke), Chopi (Cicopi, Copi, Shichopi, Shicopi, Tschopi, Txitxopi, Txopi), Chuwabu (Chichwabo, Chuabo, Chuwabo, Chwabo, Cicuabo, Cuabo, Cuwabo, Echuabo, Echuwabo, Txuwabo), Dema, Kokola, Koti (Angoche, Angoxe, Coti, Ekoti), Kunda (Chicunda, Chikunda, Cikunda), Lolo (Ilolo), Lomwe (Acilowe, Alomwe, Chilowe, Cilowe, Elomwe, Ilomwe, Ingulu, Lomue, Mihavane, Mihavani, Mihawani, Ngulu, Nguru, Walomwe, Western Makua), Maindo (Chwambo), Makhuwa (Central Makhuwa, Emakhuwa, Emakua, Macua, Makhuwa-Makhuwana, Makhuwa de Nampula, Makoane, Makua, Maquoua), Makhuwa-Marrevone (Coastal Makhuwa, Emaka, Maca, Maka, Marevone, Marrevone, South Maca), Makhuwa-

Meetto (Emeto, Imeetto, Medo, Meetto, Meto, Mêto, Metto), Makhuwa-Moniga (Emakhuwa-Emoniga, Emoniga, Moniga), Makhuwa-Saka (Esaaka, Isaanga, Ishanga, Saaka, Saanga, Saka, Sanga), Makhuwa-Shirima (Chirima, Eshirima, Makhuwa-Exirima, Makhuwa-Niassa, Makhuwa-Xirima, Shirima, West Makua, Xirima), Makonde (Chimakonde, Chinimakonde, Cimakonde, Konde, Maconde, Makonda, Matambwe, Shimakonde), Makwe (Kimakwe, Macue, Palma), Manyawa, Manyika (Chimanyika, Manika), Marenje (Emarendje, Marendje), Mozambican Sign Language, Mwani (Ibo, Kimwani, Muane, Mwane, Quimuane), Nathembo (Esakaji, Sakaji, Sanagage, Sangaji, Sankaji, Theithei), Ndau (Chindau, Ndzawu, Njao, Sofala, Southeast Shona), Ngoni (Angoni, Chingoni, Kingoni, Kisutu, Sutu), Nsenga (Chinsenga, Senga), Nyanja (Chinyanja), Nyungwe (Chinyungwi, Cinyungwe, Nyongwe, Teta, Tete, Yungwe), Phimbi (Pimbi), Português (Portuguese), Ronga (Gironga, Shironga, Xironga), Sena (Chisena, Cisena), Swahili, Swati (Siswati, Siswazi, Swazi, Tekela, Tekeza), Takwane (Thakwani), Tawara (Tawala), Tewe (Chiute, Ciute, Teve, Vateve, Wateve), Tonga (Bitonga, Inhambane, Shengwe, Tonga-Inhambane), Tsonga (Gwamba, Shitsonga, Thonga, Tonga, Xitsonga), Tswa (Kitshwa, Sheetshwa, Shitshwa, Tshwa, Xitshwa), Yao (Achawa, Adsawa, Adsoa, Ajawa, Ayawa, Ayo, Chiyao, Ciyao, Djao, Haiao, Hiao, Hyao, Jao, Veiao, Wajao), Zulu (Isizulu, Zunda).

Essa diferença de número deve-se, a nosso ver, ao facto de Firmino e Guthire terem agrupado grande parte das línguas minoritárias, catalogando-as, muitas vezes, como dialeto de outras, sem que para tal houvesse um estudo minucioso e cientificamente aceite. O Mapa linguístico que se segue, corresponde a este último grupo de línguas, que, quanto a nós, é o mais completo possível:

Fig.2 Mapa de distribuição das línguas bantu em Moçambique



Um dado muito importante deste Mapa é o facto de permitir, às vezes, visualizar a transcendência das línguas, mostrando, muitas vezes, a sua origem e a miscigenação não só das línguas, mas também dos aspectos culturais dos falantes destas línguas. Ou seja, o mapa mostra que algumas línguas não são só faladas em Moçambique, como também são faladas nos outros países.

As designações dessas línguas também são diversificadas, como ilustra o quadro de Firmino, que a seguir apresentamos, que está disponível em www.fflch.usp.br/dlcvlportpdfmes e que foi consultado no dia 10. 11.2013

Tabela 1: Correspondências entre as diferentes designações das línguas autóctones de Moçambique

GUTHRIE (1967-71)	RGPH (1997)	NELIMO (1989)	Sitoe & Ngunga (2000)	Região onde se fala
Swahili	Swahili	Kiswahili		Cabo Delgado
-	Mwani	Kimwani	Kimwani	Cabo Delgado
Yao	Yao	Ciyao	Ciyao	Niassa
Makonde	Maconde	Shimakonde	Shimakonde	Cabo Delgado
Mabiha (Mavia)	-	-	-	-
Makua	Macua	Emakhuwa	Emakhuwa	Nampula, Cabo Delgado, Niassa Zambézia
Lomwe	Lomwe	Elomwe	-	Nampula, Zambézia
Ngulu (W. Makua)	Ngulu	-	-	Niassa
-	Koti	Ekoti	-	Nampula
-	Marendje	-	-	Zambézia
Cuabo (Cuambo)	Chuabo	Echuwabo	Echuwabu	Zambézia
-	Nyanja	Cinyanja	Cinyanja	Tete, Niassa
Kunda	Kunda	-	-	Tete
-	Nsenga	Cinsenga/Nse nga	-	Tete
Nyungwe	Nyungwe	Cinyungwe	Cinyungwe	Tete
Sena	Sena	Cisena	Cisena	Sofala, Manica
Podzo	-	-	-	Sofala
Shona Cluster	Shona	Cishona	-	Sofala, Manica
Korekore	-	-	-	Manica
Tebe	-	Citewe	Ciutee	Manica
Ndau	-	Cindau	Cindau	Sofala
Rue	-	Cibalke	Cibalke	Manica
-	-	-	Cimanyika	-
Tswa	Tswa	Xitshwa	Citshwa	Inhambane
Gwamba	-	-	-	-
Tsonga	Tsonga	Xitsonga/Xich angana	Xichangana	Gaza
Ronga	Ronga	Xironga	Xirhonga	Maputo

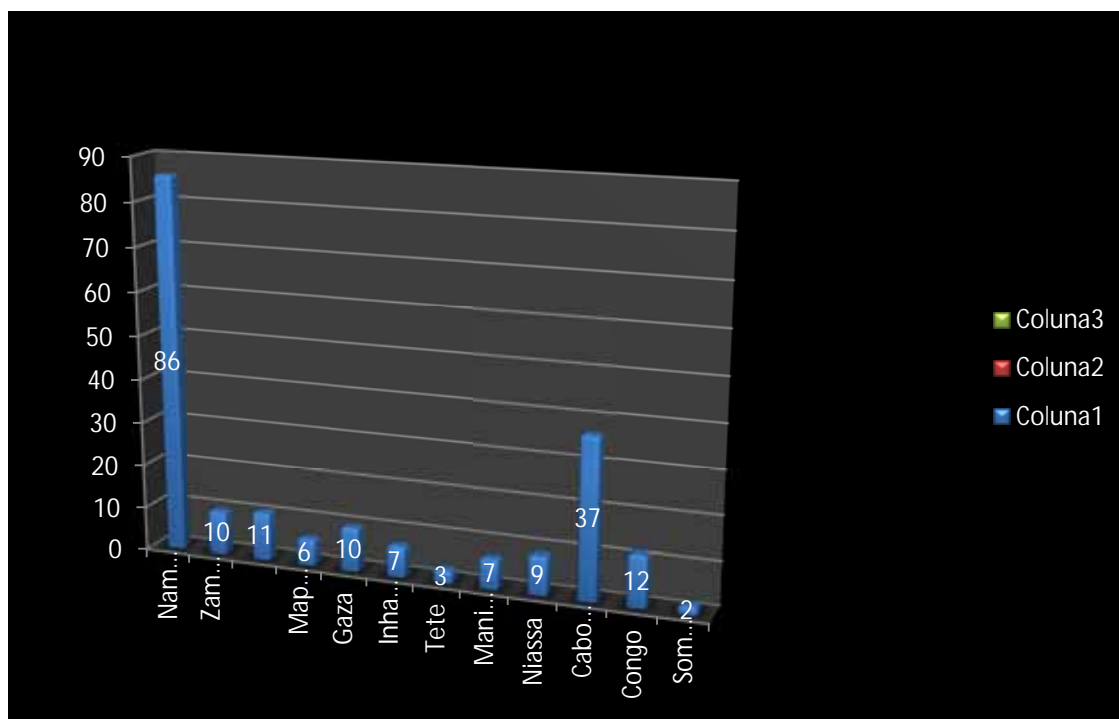
A importância destes dados reside no facto de, no momento de análise do *corpus*, podermos fazer algumas comparações dessas línguas com o português, a fim de percebermos as possíveis influências que essas línguas possam ter na língua portuguesa.

O segundo objetivo do questionário escrito era o de responder a um conjunto de exercícios para podermos perceber como é que o fenómeno em estudo se manifesta nos nossos informantes

2.7. A proveniência dos informantes

A actual divisão administrativa de Moçambique ilustra que este país possui 11 províncias que são: Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Manica, Maputo Cidade, Maputo Província, Nampula, Niassa, Tete, Zambézia. Sendo assim, os informantes da nossa pesquisa são, basicamente, provenientes destas províncias, apesar de existirem alguns informantes provenientes de Congo e Somália. A seguir ilustra-se no gráfico da proveniência dos informantes.

Gráfico 1: Proveniência dos informantes



Como se pode depreender, 86 informantes são da província de Nampula, 3 são de Tete, 10 são de Gaza, 37 são provenientes da província de Cabo Delgado, 11 informantes

são de Maputo província, 10 informantes são da Zambézia. Há, no entanto, 12 informantes provenientes de Congo e 2 informantes oriundos de Somália, que vieram para este país, com os seus pais, a fim de se refugiarem das sucessivas guerras nos países de proveniência.

2.9. O tratamento do *corpus*

Depois da produção dos textos, fizemos uma correção minuciosa, tendo em atenção as estruturas agramaticais e gramaticais contendo as preposições em estudo. Depois de sublinhadas, essas estruturas foram codificadas, usando a primeira e a última letra do informante e o número da estrutura no *corpus*. Uma codificação como EM12, podia significar, por exemplo, Ermelinda Mateus e o número 12 iria indicar a posição do informante no conjunto das fichas dos informantes.

No que tange aos dados relativos ao uso das preposições, corrigimos os três exercícios, o que nos possibilitou entender em que contextos os alunos erraram e em que contextos é que os alunos resolveram corretamente os exercícios. Importa-nos, nesta parte do trabalho, lembrar que Gonçalves (1997:4) explica que

a adoção do termo “erro” tal como é usado no âmbito das teorias sobre aquisição/aprendizagem de línguas, este constitui basicamente um princípio de aferição não só de estratégias de aprendizagem da língua-alvo, como da proficiência linguística alcançada pelos aprendentes. No decurso da aquisição/aprendizagem de uma L2, alguns desses “erros” têm tendência a conservar-se, ou “fossilizar-se”, passando a fazer parte do seu sistema de conhecimento da língua-alvo. Nos estudos a serem aqui apresentados, o termo “erro” é também usado neste sentido, como indicador das áreas de “fossilização” do Português/L2. Assim, as construções não padrão identificadas no corpus-amostragem são vistas como zonas desta língua para as quais são provavelmente requeridas metodologias específicas de ensino, que permitam a sua erradicação e dêem aos aprendentes a possibilidade de alcançarem uma proficiência linguística semelhante à dos falantes nativos.

Assim, todos os exercícios que não estão corretos são considerados como erro. É importante também lembrar o conceito de erro, na perspectiva de Gonçalves (1997:10), que usa as palavras de Chun et *alii* (1982: 537-547), para explicar que o erro é o “o uso de um item linguístico de forma que, de acordo com utentes fluentes da língua, indica aprendizagem com falhas ou incompleta” (op. cit. 538). No caso de Moçambique, essa noção de erro é bastante polémica se atendermos a que nós, que fizemos a referida correção, não possuímos, por assim dizer, fluidez no português europeu, devido a vários fatores sociolinguísticos.

A definição do erro apresentado por Liski e Putanen (1983: 227) dá primazia à língua padrão. Nessa perspectiva, o erro é entendido como ocorrendo quando o falante “deixa de seguir o padrão ou modo de discurso de pessoas instruídas...”. Em Moçambique, há pessoas instruídas que não falam o português padrão. De modo que, neste trabalho, o erro vai coincidir com a noção de desvio, uma vez que o que se chama erro, pode corresponder a um desvio.

Na análise, mostramos a frequência de entradas consideradas agramaticais (erradas) e as que consideramos gramaticais (corretas). Essa frequência vai permitir-nos entender o grau dos erros produzidos por esses informantes e a sua influência no emergente Português Moçambicano.

3. Análise e Interpretação dos resultados teste de comportamento provocado

Dissemos, na nossa metodologia, que aplicamos os *testes de comportamento provocado* a 100 informantes. Destes, apenas 94 é que responderam ao teste e os restantes 6 informantes não entregaram as fichas. Assim, os dados que vamos analisar nesta parte do trabalho correspondem a 94 informantes e não aos iniciais 100 informantes.

O primeiro teste de comportamento provocado que colocamos aos nossos informantes estava relacionado com um conjunto de exercícios. Nesses exercícios, empregámos, em algumas frases, uma determinada preposição erradamente e em outras frases usamos a mesma preposição corretamente. Assim, pedimos que os informantes colocassem F nas frases em que a preposição não tinha sido bem empregada e V nas frases em que os informantes achassem que a preposição estava bem usada.

O objetivo desta questão não era somente verificar se os informantes conseguem identificar as frases em que as preposições direccionais e de movimento foram bem empregues, mas era também nosso objetivo verificar até que ponto os nossos informantes se identificam com as frases em causa.

O quadro que se segue ilustra, em percentagem, a frequência das respostas⁶ dos informantes em cada frase.

Tabela 2: resultados de teste provocado

Frase	Resp. cor	Percent.	Resp. er.	Percent.
a) Vou ao mercado	94	100%	0	0%
b) Vou no mercado	91	96.6%	3	3.1%
c) Vou na praia	87	92.5%	7	7.4%
d) No próximo ano vou trabalhar para Tete	20	21.2%	74	78.7%
e) A Maria Passou daqui há minutos	73	77.6%	21	22.3%
f) Vou passar da tua casa amanhã	39	41.4%	55	58.5%
g) Passarei por tua casa amanhã	77	88%	17	18%
h) Venho na tua casa amanhã	53	56.3%	41	43.6%
i) Vou à tua casa amanhã	58	61.7%	36	38.2%
j) Vou a Maputo no voo das 18:00h	75	79.9%	19	20.1%
k) Vou no Maputo no voo das 18:00h	74	78.7%	18	19.1%
l) Não cheguei de entender o que me disste	25	26.5%	69	73.4%
m) Cheguei de Madrugada	89	94.6%	5	5.3%
n) Não cheguei a entender o que me disste	39	41.4%	55	58.5%
Média	63	68.2%	34	26.1%

⁶ ⁶ Veja-se, em apêndice, a grelha de preenchimento destas frases

Como se pode depreender, as estruturas frásicas em a), d), g), i), j), m) e n) são tidas como correctas no PE e as restantes frases possuem um grau acentuado de desvio em relação à norma.

Uma observação atenta do teste permite notar que usámos, apenas, três verbos de movimento. O verbo *ir, passar e chegar*. À partida, este número parece ser irrisório para o estudo do fenómeno, mas não é, porque os três verbos correspondem aos usados com maior frequência, na oralidade e na escrita e também correspondem aos verbos que estão em grande parte dos contextos das construções agramaticais no emergente PM.

Conforme o quadro ilustra, na alínea a), 94 informantes responderam corretamente à questão, o que corresponde a 100%. Na alínea b), 91 informantes, que correspondem a 96% informantes responderam corretamente à questão e 3 informantes, que correspondem a 3.1% responderam erradamente à questão ao reconhecerem que esta estrutura é correta. Já na alínea c), que, à semelhança das alíneas a) e b) envolve um verbo de movimento, 87 informantes responderam corretamente à questão, correspondendo a 92.5% dos informantes, tendo 7.4% dos informantes reconhecido que a estrutura frásica em c) é legítima no Português. Analisando ainda a tabela, na questão em d), 20 informantes, correspondentes a 21% reconhecem a estrutura como sendo legítima no português, e 74 informantes correspondentes a 78.7% estranham tal construção.

Os mesmos informantes entendem, com razão, que a estrutura em h) é estranha ao PE, uma posição que foi assumida por 53 informantes, que correspondem a 56.3%.. Em i) e em j), que são estruturas corretas no PE, foram reconhecidas por 58 e 75 informantes, que correspondem a 61.7% e 79.9 % respectivamente.

Com o verbo *passar*, os nossos informantes não reconheceram a estrutura frásica em e), com 73 informantes a confirmarem que a estrutura em causa é estranha ao PE, correspondendo a 77.6%. já os mesmos informantes legitimaram a estrutura frásica em f), na qual 55 informantes, correspondentes a 58.5% colocaram o V, para dizer que a estrutura é correta.

É interessante lembrar que, com o verbo *ir*, por exemplo, ocorrerem estruturas frásicas como as que estão em b) e em c). Esperava-se, neste caso, que os nossos informantes reconhecessem estas estruturas como legítimas do Português emergente no português em Moçambique, pois já foram atestadas na linguagem oral.

Foram igualmente atestadas na linguagem oral as estruturas frásicas em f), g), h), i), j) e k). No entanto, diante destas frases, os informantes parecem estranharem estas construções, reconhecendo a estrutura correta do Português europeu, se tomarmos em conta os dados que nos são fornecidas pelas frequências dos fenómenos. Já em d), ainda com o verbo *ir*, num contexto em o uso da preposição *para* é obrigatório, os informantes estranham tal construção. De facto, no emergente PM, esta construção é um pouco estranha, uma vez que grande parte dos falantes preferem usar uma estrutura como a que se segue em

(33)

Vou viver em Tete.

Ora, tanto no PE como no PB esta estrutura é legítima, uma vez que, o verbo *ir*, neste contexto, é desprovido da noção de movimento.

Já que as estruturas em b), c) f), g), h), i), j) e k) são atestadas, muitas vezes, no português oral, o nosso estudo deveria, igualmente, fazer a recolha de dados orais, mas tal metodologia devia requerer, por exemplo, que os dados fossem colhidas no português coloquial, junto às diversas camadas sociais, envolvendo diversas fontes tais como programas radiofónicos, televisivos ou ainda comunicações informais nos mercados, nos transportes semi-coletivos, entre outros meios.

Tal metodologia iria, para além de envolver custos elevados, aumentar o nosso universo e o número dos nossos informantes. Iria, igualmente, incrementar o número da proveniência dos informantes e consequentemente o número das línguas faladas pelos mesmo, aspetos muitos importantes na análise final do fenómeno em estudo.

Portanto, embora um estudo dessa natureza fosse o ideal, mais completo, mais global, não enveredámos por essa via, porque a nossa intenção era fazer uma pesquisa aplicada, sobretudo ao ensino, daí que tenhamos concentrado a nossa intenção aos alunos, o que tornou, quase, impossível, aos mesmos informantes, recolher informações orais, uma vez que estes dados devem ser espontâneos, para garantirem que a informação seja recolhida na maior naturalidade.

Voltando aos dados das primeiras três alíneas, uma questão pode ser levantada. Como é possível que os mesmos informantes que legitimaram a estrutura em a), tenham-se

dividido em b) e em c)? Parece-nos que existe, apenas, uma possível explicação do fenómeno: os informantes possuem duas gramáticas: uma, a erudita, a que é acionada quando se está numa situação em que o uso da norma é obrigatório, como é o caso do contexto escolar, e a outra, a coloquial, aquela que é usada para a comunicação diária e em contextos em que o rigor na língua não é obrigatório. Ou seja, estes informantes estão expostos a um português que torna legítimas as estruturas em b) e em c), mas em contextos escolares, eles são obrigados a usar a norma culta.

Este fenómeno corresponde ao que se chama, geralmente, em sociolinguística *interlíngua*. Assim entendida, a *interlíngua* iria corresponder, durante a aquisição da segunda língua, a uma zona de penumbra, que seria uma zona em que um falante mistura as gramáticas.

O *dicionário de termos linguísticos* de Xavier & Mateus (1990:216) refere que a *interlíngua* corresponde a “cada uma das gramáticas construídas por um indivíduo no processo de aquisição de uma língua”.

Na apresentação do CD-ROM da obra *O Português escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didácticas* (2010), Gonçalves explica que “na aquisição de línguas não maternas (L2), os aprendentes progridem através de estágios sucessivos, ao longo dos quais vão emergindo gramáticas provisórias, as chamadas “interlínguas”. De uma forma geral, no estágio final de aquisição, a maior parte das propriedades e regras não convergentes com a gramática da língua-alvo/L2 foram revistas e reestruturadas.” Mais adiante, a autora, citando Klein & Martohardjono (1999: 15) refere que

Embora esta generalização seja válida para a maior parte das propriedades e regras das L2s, é também já reconhecido que – diferentemente do que acontece na aquisição da L1 – existem áreas resistentes, em que não é alcançada uma convergência plena com a gramática da língua-alvo/L2. Isto deve-se, muito provavelmente, ao facto de que, na aquisição de uma L2, o input não é processado exactamente da mesma maneira que na aquisição da L1: é como se, em certas circunstâncias – dependendo das propriedades específicas das L1s dos aprendentes e da L2 tomada como alvo – não houvesse possibilidade de progredir de um estágio de conhecimento para outro apenas com base em evidências positivas (implícitas) sobre a gramática da L2.

Esta teoria encoraja-nos a deduzir que, apesar de, em termos quantitativos, o uso dos verbos de movimento com as preposições mostrar que não há problemas do seu uso, esta

área mostra ser aquela que ainda oferece resistência na aquisição do Português, sobretudo em Moçambique.

A segunda questão do teste de comportamento provocado era para os nossos informantes preencherem os espaços em branco com as preposições *em, a, de, por e para*. A nossa maior ambição nesta questão era a de verificar como é que os informantes escolhem as preposições adequadas para cada frase. O exercício que foi aplicado é o que se segue, abaixo

Preencha os espaços em branco com as preposições *em, a, de, por e para*

2.1. O João levou o livro _____o primo.

2.2. Viajo_____ Beira de manhã e às 7 da tarde regresso para cá.

2.3. Vou _____ praia de manhã e à tarde viajo_____ Portugal.

2.4. O meu cunhado levou-me _____ seu carro, quando ele ia _____o serviço.

2.5. o autocarro estava lotado, de modo que tive que viajar_____pé

Com a questão, esperávamos que os inormantes preechessem os espaços em braco com as preposições *a* ou *para*, em 2.1, *a*, ou *à* ou ainda *para*, em 2.2, *a/para* e *para*, respectivamente, em 2.3, *em*, na questão 2.4 e pela preposição *de* e *a*, em 2.5. A tabela abaixo, ilustra como os informante foram preenchendo os espaços em branco deste exercício⁷.

Tabela 3: resultado de seleção de preposição

Alineas	Preposição adequada	Preposição selecionada	corretas		Desviantes	
			Quant	%	quant	%
2.1	A	De	-	-	3	3.1
		Em	-	-	1	1
		Até	-	-	1	1
		Para	84	89.3		
		A	4	4.2	-	-
		Em branco	-	-	1	1

⁷ Veja-se, em apêndice, a grelha de preenchimento destas preposições.

2.2	A	Para	84	89.3	-	-
		A	5	5.3	-	-
		por	-	-	1	1
		Outras classes de palavras e em branco	-	-	4	4.2
2.3	A	Para	75	79.7	-	-
		A	11	11.7	-	-
		Por	-	-	2	2.1
		Em branco	-	-	3	3.1
		Outra classe de palavra	-	-	3	3.1
	Para	A	-	-	44	46.8
		Para	45	47.8	-	-
		Em branco	-	-	5	5.3
2.4	Em	Para	-	-	73	77.6
		Por	-	-	1	1
		A	16	17	-	-
		De	-	-	1	1
		Em branco	-	-	3	3.1
	A	Em	-	-	42	44.6
		de	-	-	42	44.6
		por	-	-	3	3.1
		para	-	-	4	4.2
		com	-	-	2	2.1
		A	-	-	1	1
2.5	De	De	42	44.6	-	-
		A	-	-	38	40.4
		E	-	-	13	13.8
		Em branco	-	-	1	1

A tabela em 3 ilustra que, em 2.1 e em 2.2., em que se esperava que os informantes seleccionassem a preposição *a*, eles seleccionaram outros tipos de preposições e outras classes de palavras. Mas repare-se que o verbo *levar*, no contexto em 2.1 pode ocorrer com a preposição *para*. Assim, os dados ilustrados na tabela levam-nos a entender que os informantes preferem usar, naquele contexto, a preposição *para* à preposição *a*, se tivermos em conta que aquela preposição, nesta alínea, foi seleccionada por 89.3% dos informantes.

Já em 2.3, no primeiro espaço, os informantes preferiram usar a preposição *para*, com 79.7%, à preposição *a*. No segundo espaço, que era para ser preenchido pela preposição *para*, os informantes usaram as preposições *a* e *para*, com 47.8% e 46.8%, respectivamente. Tudo indica que estes informantes possuem dificuldades em usar a preposição *a*, ou seja, eles facilmente usam a preposição *para*, em circunstâncias em que tal não se justifica.

No primeiro espaço de 2.4 que era para preenchido pela preposição *em*, os informantes preferiram usar, novamente, a preposição *para*, com 77.6% e no segundo espaço em branco, em que se esperava que os informantes usassem a preposição *a* eles preferiram usar a preposição *em*, com 44.6%.

No último exercício, em que era para ser preenchido pela preposição *de*, os informantes preferiram escolher, de facto, esta preposição, com 44.6%.

A propósito, Oliveira (2005: 2), usando a explicação Herschensohn (2000), faz notar que a aquisição da L2 depende da aquisição do léxico e da morfologia, que ocorrem gradualmente, em três estágios. No primeiro estágio, nas palavras da autora, ocorre a transferência da gramática da língua 1. esta gramática da língua 1 serve de suporte ao surgimento de gramáticas intermediárias, as interlínguas, daí que os valores paramétricos da L2 sejam adquiridos de uma forma gradual. E o último estágio caracteriza-se pela remarcação do parâmetro, de acordo com a L2, neste caso a língua alvo. Esta terceira fase, diz a autora, que é a de reestruturação, pode ser bloqueada pela influência da L1, impedindo que certos aspetos do *input* da L2 sejam detetados e, por consequência, a gramática atingida no final da aquisição da L2 não concida com a da língua alvo. Diríamos, pois, que área de uso das preposições no emergente PM é bloqueada no processo de reestruturação, embora não assumamos que tal bloqueio se deva a língua 1, neste caso, a língua bantu, tida como a primeira nos nossos informantes.

3.2. Apresentação e análise e interpretação dos dados recolhidos a partir da redações

Como já dissemos na nossa introdução, pedimos que os nossos informantes produzissem uma redação descrevendo uma viagem que teriam feito. A intenção de optar por uma redação relatando aspetos de uma viagem deve-se ao facto de pensarmos que os informantes iriam, naturalmente, usar um maior número de verbos de movimento, como também acharmos que eles ofereceriam, sem nenhuma interferência, os contextos reais do uso de verbos de movimento direcionais.

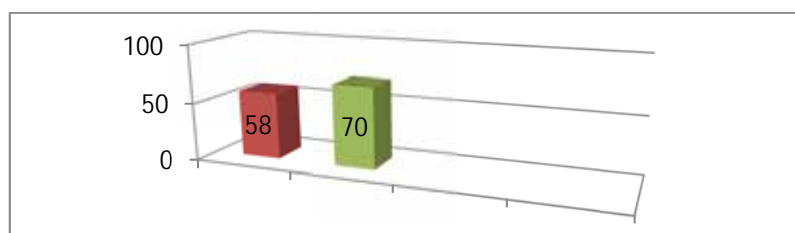
Lembrem-se, aqui, que, o termo verbos de movimento cobre um conjunto variadíssimo de predicados e com sintaxe diversificado, tais como *chegar, ir, retornar, viajar, partir, passar, rolar, escorregar, mover, balançar, correr, andar, galopar, pular, nadar, flutuar, requebrar, dançar, girar, navegar, fremir, menear, sacudir, abrir, fechar,*

mexer, sacolejar, sacodir, vibrar, lambear, meter, tirar, chupar, rodar, rodopiar, movimentar entre outros.

Não é a regência de todos estes verbos de movimento que nos interessa. É, sim, a dos verbos de movimento direcionais e dos locativos, aqueles que, apenas, usam como regidas, as preposições *a, para, de, em e por*, também conhecidas como preposições de movimento.

Foram, por esses informantes, produzidas 122 estruturas frásicas envolvendo os verbos e as preposições de movimento. Estas frases constituem um *subcorpus*, contendo 58 estruturas frásicas corretas, que correspondem a uma percentagem de 47.5 % e 64 estruturas frásicas contendo desvios, correspondendo a uma percentagem de 52.4% em relação ao padrão, que neste caso é PE. O gráfico que se segue ilustra a distribuição das entradas corretas e desviantes pelos informantes:

Gráfico n.º2 - entradas desviantes e correctas envolvendo os verbos de movimento



Antes de apresentarmos os contextos em que as preposições de movimento direcionais e os seus respetivos verbos foram usados corretamente, vamos apresentar a frequência de cada tipo de verbo de movimento usado nos textos. Diga-se que, do *corpus*, extraímos, apenas, as frases que envolviam os verbos e as preposições de movimento direcional e locativo. A seguir, apresentamos a frequência dos verbos de movimentos usados pelos informantes.

Tabela 4: frequência dos verbos de movimentos usados pelos informantes

verbo	Número de ocorrência	Frequência da ocorrência do verbo em percentagem
Ir	50	43%
Chegar	21	18.2%
Sair	3	2.6%
Viajar	12	10.4%
Partir	8	6.9%
Voltar	9	7.8%
Passar	7	6%
Regressar	4	3.4%
levar	1	0.86%

Como o quadro ilustra, o verbo *ir* foi o mais usado pelos informantes, com 43% de entradas, seguido pelo verbo *chegar*, com 18.2% de entradas. O terceiro verbo mais usado pelos informantes foi o verbo *viajar*, com 10.4%, seguido pelo verbo *voltar*, com 7.8%. O verbo *passar*, com 6.9% de entradas é o quinto mais usado pelos informantes, seguido pelo verbo *regressar*. Já nas últimas duas posições, encontramos os verbos *sair* e *levar*, com 2.6% e 0.86% respectivamente. Portanto, são, ao todo, nove verbos de movimento adicionais e locativos que foram usados pelos nossos informantes.

Como já havíamos anunciado, a seguir vamos apresentar a frequência das 5 preposições de movimento no *corpus* do nosso trabalho.

Tabela 5: frequência das preposições no *subcorpus*

preposições	Frequência
A	29
Para	27
De	7
Por	3
em	19

O quadro acima ilustra que a preposição mais usada pelos nossos informantes é a preposição *a*, seguida pela preposição *para*, com 29 e 27 entradas respectivamente. A preposição menos usada é a preposição *por*, com 3 entradas. Refira-se que estas entradas não se referem às do *corpus*, mas às do *subcorpus* que foi formado, contendo estruturas que envolviam os verbos de movimento.

Durante a análise, houve momentos em que tivemos dificuldade em saber se o morfema *a* patente na frase é uma preposição ou é um determinante. São frases como as que se seguem

(33)

a) Fui *a* praia.

PE: fui *a* (a praia.))

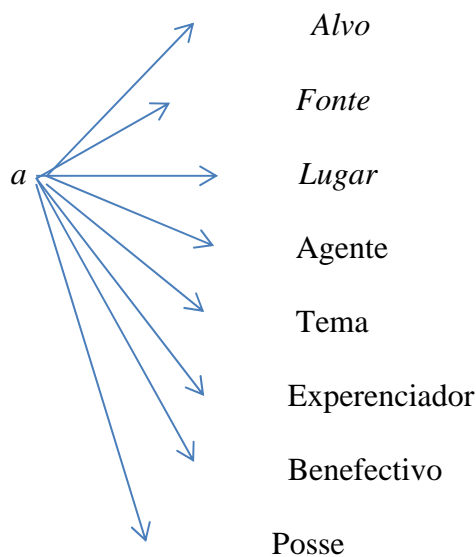
b) Chegamos *a* Ilha fomos directamente a hotel.

PE: Chegamos *a* (a Ilha) fomos directamente a hotel.

Ora, sabemos que os verbos *ir* e *chegar*, empregues nas frases a) e b) respectivamente, naquele contexto, ocorrem com a preposição *a* e as palavras *praia* e *Ilha*, sendo substantivos, no português ocorrem sempre com o determinante *a*. Recordem-se que, por

via de regra, os topónimos, em português, não são determinados. Mas a palavra *Ilha*, por sua natureza, é determinada. O que de facto não se sabe é se aquele morfema é preposição ou é determinante. Mas na análise que faremos, mais adiante, consideraremos estas construções como sendo desprovidas de preposição. Foi seguindo esse raciocínio que não foram contabilizados os morfemas *a* naqueles contextos.

Lembrem-se aqui, que a preposição *a* não ocorre somente em verbos de movimento. Um estudo feito por Xavier (1990:320) explica que esta preposição rege SN com interpretações diversas, semanticamente, a partir do seguinte esquema:



como se pode observar nos exemplos que se seguem:

(34)

- a) o João ofereceu um livro à *Maria*⁸ alvo
- b) o João enviou um livro à *Maria* alvo benefectivo
- c) o João alugou a casa à *Maria* fonte/benefectivo/alvo
- d) o João aceitou a informação à *Maria* fonte/benefectivo
- e) a Maria chegou *ao Porto* lugar
- f) a Maria mandou ler o artigo *ao João* agente/ benefectivo
- g) este livro interessa à *Maria* experienciador
- h) o João fez um bolo à *Maria* benefectivo
- i) a Maria cortou o cabelo *ao João* posse inalienável/benefectivo
- j) amar a *Deus* tema
- k) o João obedeceu às *ordens* tema.

⁸ Os exemplos são de Xavier (1990) e o itálico é nosso.

Apesar de esta preposição possuir, semanticamente, várias aplicações, neste trabalho e na análise que fazemos, apenas, consideramos a preposição como introdutor de um locativo.

3.2.1. Análise dos dados: Entradas corretas

Vamos, de seguida, proceder à análise das entradas que consideramos serem correctas. Já dissemos que são 58 estruturas frásicas que consideramos corretas, de um universo de 122. A seguir, apresentamos a tabela contendo os verbos e as respetivas preposições

Tabela 6: verbos e preposições: entradas corretas

Verbos	Prepo. selecionadas	Ent	Porcentagem
Ir	A	12	20.6%
	Para	7	12%
Chegar	A	14	24.1%
Sair	De	4	6.8%
Viajar	Para	7	12%
	A	1	1.7%
Partir	Para	1	1.7%
	A	2	3.4%
	De	3	5.1%
Voltar	A	3	5.1%
	Para	2	3.4%
Passar	Por	2	3.4%
Regressar	A	1	1.7%

Como se pode depreender, o verbo *ir*, como era de esperar, ocorreu com a preposição *a* e *para*, com 20.6% e 12%, respetivamente. As preposições em causa indicam, respetivamente, a permanência de curta e longa duração num determinado lugar, como ilustram as frases que se seguem:

(35)

- a. Fui a Maputo à casa da minha irmã.
- b. Quando fui com toda a família a Nacala.
- c. Fomos para casa bem salvos.

- d. Eu vou poder ir para Paris.

O verbo *chegar* ocorreu, somente, com a preposição *a*, com 14% de entradas. Esta preposição podia, ainda, ocorrer com a preposição *de*, a qual ira dar a noção de lugar de origem, mas não ocorreu neste *subcorpus*. Com a preposição *a*, o verbo ocorreu nos contexto que se seguem:

(36)

- a. Tão triste voltei a Nampula no mesmo dia.
- b. Cheguei pela primeira vez a Chocas Mar .
- c. Chegado ao local.
- d. Chegado a Maputo.

Já o verbo *sair* ocorreu em 6.8% com a preposição *de*, que indica ainda a origem. Com o verbo *viajar* ocorreu em 12% e 1.7% com a preposição *para* e *a*, que indicam, naturalmente, a direção. O verbo *partir* é o único que ocorreu com três preposições: *para*, *a* e *de*. A preposição *para* ocorreu em 1.7%, a preposição *a* ocorreu em 3.4% e a preposição *de* ocorreu, com este verbo em 5.1%.

A preposição *em*, estranhamente, não foi selecionada por nenhum verbo de movimento. Esperávamos que os informantes, em algum momento, seleccionassem esta preposição, que deveria introduzir um locativo, como ilucidam os exemplos que seguem:

(38)

- a) Viajei ontem *no* voo da 6h a Maputo
- b) Não irei viajar *neste* comboio.

Ora, apesar de esta preposição ocorrer com um verbo de movimento, neste contexto, ele exprime uma ação estática.

3.2.2. Análise das entradas desviantes

Passaremos, nesta subseção a proceder à análise de entradas desviantes. Os desvios, com os verbos de movimento ocorreram com os verbos *ir*, *chegar*, *voltar*, *passar*, *regressar* e *partir*. O quadro que se segue ilustra a frequência de cada verbo no *corpus*.

Tabela 4: verbos e preposições: entradas desviantes

Verbos	Ent	Percentagem
Ir	33	51.5%
Chegar	18	28.1%
Voltar	4	6.2%
Passar	5	7.8%
Regressar	4	6.2%
Total	64	99.8

O quadro ilustra que 33 entradas desviantes, correspondentes a 51.5%, ocorreram com o verbo *ir*. O verbo *chegar* é o segundo com mais entradas no *corpus*, que são 18, correspondentes a 28.1%. Os verbos que tiveram menor entrada foram *voltar* e *regressar*, com 6.4%.

Analizamos, de seguida, a tipologia de desvios que ocorreram com cada tipo de verbo.

Ir; x ir a y

(39)

- a. A viagem dos meus sonhos é de ir em Portugal.

PE: ir a Portugal

- b. Fui no Museu e outros lugares.

PE: Fui ao museu

- c. Fomos a praia nadamos.

PE: fomos à praia

- d. Fui para a shopping.

PE: fui ao shopping

- e. Eu quero ir muito lá para conhecer as pessoas

PE: Eu quer ir *a/para*

O verbo *ir* é um daqueles que se pode considerar transitivo indirecto. Em muitas das suas realizações, este verbo ocorre, quase sempre, com as preposições *a* e *para*, indicando a direção para onde se vai. Quando se realiza com a preposição *a*, o verbo exprime, junto com *a* preposição, um movimento direcional de curta duração [-permanência] e quando ocorre com a preposição *para* ele exprime um movimento direcional de longa duração [+permanência]. Mas, às vezes, é difícil saber quando é que se pode usar o traço [+permanência] e quando é que se deve usar o traço [-permanência], já que a unidade de

tempo a ser usado depende do contexto. Por exemplo, a permanência de alguém que vai ao mercado pode ser medida em minutos, de alguém que vai à escola e à praia pode ser medida em horas e de alguém que vai a Portugal pode ser medida em semanas ou meses. Portanto, esta diversidade de tempo faz com que a análise sobre quando é que se deve usar, com rigor a preposição *a* ou *para* seja difícil. Em todo o caso, para o presente estudo, a análise vai ter em conta a proposta da gramatical.

Nas frases em (39), acima, deparamo-nos com três tipos de desvios. O primeiro desvio, em (39 a) e (39 b), está relacionado com o facto de se ter substituído a preposição *a* que normalmente ocorre com o verbo naquelas circunstâncias, pela preposição *em*. Esta característica de construções é típica do português oral em Moçambique, sobretudo em camadas menos instruídas e na linguagem coloquial. Mas anote-se que esta preposição, no latim (*in*) era associada a relações de lugar, equivalente às introduzidas, na língua portuguesa actual, por *dentro de* e pelas preposições *a* e *para*, como refere Carvalho (1991:43). Portanto, em nosso ver, esta construção não devia ser totalmente estranha ao Português.

No português atual, estas construções não são isoladas do Português emergente em Moçambique, pois em Carvalho refere-se com os informantes polacos, russos, angolanos, caboverdianos, guineenses, são tomeenses, goenses, brasileiros foi possível registar frases do tipo:

(40)

- a. Cheguei em Liboa⁹ (polaco)
- b. Vou na praia (Russo)
- c. Vou na embaixada (Angola)
- d. Ele chegou na praia (C. Verde)
- e. Ela veio na ilha (Guiné)
- f. Ela voltava na casa (S. Tomé)
- g. Ano passado fui na índia (Goa)
- h. Chegamos na faculdade (Macau)
- i. Quero ir no Centro (Brasil)

Estas frases ilustram que o problema que está na origem da produção desta frases, já que o problema parece o mesmo em falantes dos outros quadrantes do mundo, deve estar assente nos traços lexicais depositados na própria preposição, os quais remotam, como já fizemos menção, do próprio latim, de onde é originária a preposição *em*.

⁹ Os exemplos são de Carvalho (1991:43).

Em nosso entender, são construções como estas que podem estar na origem da analisadas em (39 a) e (39 b).

Já em (39 c) temos uma frase em que, a nosso ver, foi suprimida a preposição *a* que deveria ocorrer naquelas circunstâncias. Já dissemos, neste trabalho que, em algum momento, tivemos a dificuldade de dizer se o morfema *a* patente naquelas circunstâncias é uma preposição ou é um determinate. Mas se considerarmos que na construção em (39 d), foram usados dois morfemas: *para* e *a*, então podemos dizer que, de facto, o morfema *a* patente em (39 c) é um determinante e não uma preposição. Daí que faça sentido a nossa percepção de que, naquele contexto, a preposição foi suprimida. Uma frase que prova que a preposição foi suprimida é a que está patente em (39 f), em que, em definitivo, nenhuma preposição foi usada, ou seja, o verbo foi usado, naquelas circunstâncias, como intransitivo.

No caso concreto da frase em (39 d), o que se verifica é que o informante usou a preposição *para* ao invés da preposição *a*, já que se pode considerar que a duração é [-permanência].

A propósito, Vera (2009:428), num artigo seu, refere que Mollica entende que os traços locativos influenciam a escolha da preposição. Assim, para a autora, quando o locativo é um espaço fechado, os informantes procuram seleccionar a preposição *em*, ao invés das preposições *a* e *para*, enquanto que, quando os locativos forem abertos, os informantes preferem escolher as preposições *a* e *para*. Tal estudo aponta igualmente que, quando o locativo for mais definido, os informantes procuram seleccionar a preposição *em* e quando o local for indefinido, eles optam por seleccionar as preposições *a* e *para*. Ou seja, as características semânticas do locativo são as que determinam a escolha da preposição. Não vamos discutir esta hipótese levantada por Mollica, já que o nosso estudo é meramente descritivo.

De uma forma geral, podemos afirmar que, com o verbo *ir*, os informantes produziram mais frases com desvio do que as entradas corretas. Assim, estes dados contrastam com aquelas que analisámos na tabela 2, que revela que os informantes não possuem dificuldades em indicar o contexto em que o verbo ocorreu corretamente com a preposição. Podemos, pois, afirmar que, o reconhecimento das estruturas patentes na tabela em 2, deve-se ao facto de terem sido estimulados para tal, mas produzem, muitas vezes, frases em que o verbo *ir* possui uma regência diferente daquela que foi normalizada no PE.

Chegar; x chegar a y

O verbo *chegar* é um daqueles verbos que, quando usado como direcional, ocorre obrigatoriamente com a preposição *a*. Nos nossos informantes, este verbo ocorre igualmente com as preposições *em* e *de*. Às vezes, este verbo ocorre igualmente sem preposição, como ilustram as frases que se seguem em

(41)

- a. Quando cheguei na Ilha de Moçambique.

PE: Quando cheguei à ilha

- b. Quando cheguei em Nacala – porto

PE: Quando cheguei a Nacala-porto

- c. Cheguei de festejar o natal.

PE: Cheguei a festejar

- d. Cada província que cheguei são todas encantadoras com uma gastronomia muito boa.

PE: cada província a que cheguei

Em (41 a) e em (42 b), o verbo *chegar* ocorreu com a preposição *em*. Em *c*, o verbo *chegar* ocorreu com a preposição *de*. Sublinhe-se que, neste último contexto, o verbo *chegar* não é direcional, mas estativo. E deve também ser usado com a preposição *a* e não com a preposição *de*. Lembremos, ainda, que este verbo pode ocorrer com a preposição *de*, quando este indica o movimento de vir de alguma parte, como em

(42)

Cheguei ontem de Maputo.

Já em (41 d), o que verificámos é que foi suprimido a preposição *a*, que deve ocorrer naquelas circunstâncias, e o verbo desta construção está no infinitivo. Este fenómeno de supressão da preposição é designado *queísmo* em Mateus *et alii* (2003)

Como referimos, há casos em que este verbo ocorre sem a preposição. A frase em (43) é sintomática desse fenómeno

(43)

- a. Chegamos uma boa vista da praia.

PE: chegamos a uma boa vista...

- b. Chegado a paragem de carro, cumprimos com o trato pagamos o que devíamos

PE: *chegado a (a paragem)*

Portanto, é um fenómeno totalmente diferente do analisado em (41), já que naquele houve troca da preposição. Com este verbo, é possível que, entre o verbo e o complemento, ocorra um material lexical que não seja totalmente uma preposição, como se pode notar em

(44)

a. Quando cheguei *la* em Cabo Delgado conhece muitas coisas novas.

PE: Quando cheguei *a Cabo Delgado*

b. Me esforço muito em aprender falar francês para quando eu chegar *la* na franca poder falar bem

Como se pode notar, nas frases em (44) houve inserção do locativo *la* que, naturalmente, funciona como um co-referente.

Voltar; x voltar a y; x voltar de y

(45)

a. No quarto dia *a* praia dos rudistas dei um mergulho e voltei *a* casa.

PE: voltei *a (a casa)*

b. Quando voltei *ate* agora nunca mais esquece daquela viagem

PE: quando voltei *a...*

Regressar; x regressar a y; x regressar de y

(46)

a. No dia 3 de Janeiro de 2013 regressei *a* cidade de Nampula.

PM: regressei *a (a cidade de Nampula)*

Nas estruturas em (46) estão patentes o verbo *voltar* e *regressar*. Estes verbos, no português europeu, ocorrem com a preposição *a*. Na frase em *a*, do verbo *voltar*, e em *a e b* do verbo *regressar* foi suprimida a preposição *a*, que, como fizemos referência, ocorrem com este verbo.

Passar; x passar por y; x passar a y

(47)

a. Mas para mim foi muito mais agradável passar *a* Ilha de Moçambique.

PE: quando estávamos *a* voltar passamos em casa do meu tio.

PE: passamos *pela* casa

- b. Em cada lugar que passei gravei em minha mente.

PE: cada lugar por onde passei

Como um verbo direcional, o verbo *passar* sempre ocorre com a preposição *por*. Na frase em *a*, a preposição, que neste contexto é obrigatória, foi suprimida. Já na frase em *b*., a preposição *por* foi substituída pela preposição *em*. Na frase em *c*, ocorreu o que se chama de *queísmo* que é a supressão da preposição *de* que deve ocorrer obrigatoriamente, neste contexto.

Na linguagem coloquial em Moçambique, registam-se ainda, frases do tipo

(48). passei da tua casa

mas estranhamente não ocorreu no nosso *corpus*. É possível que este fenómeno seja típico de português oral, já que se tem verificado várias vezes e de uma forma generalizada na linguagem coloquial.

Carvalho (1991:58) explica que a própria língua portuguesa propicia a ocorrência dos fenómenos analisados. Nessa explicação, refere que há semelhança de regência dos verbos direcionais locativos espaciais e os verbos locativos temporais e exemplifica com as seguintes frases:

(49)

- a. Partimos no domingo
- b. Cheguei no dia 15.
- c. Fomos na segunda.
- d. Passámos por Lisboa em 1987
- e. Viémos na semana passada.
- f. Voltam na próxima semana

A autora explica que a semelhança de regência beneficia dificuldades na opção distribucional de falantes da língua portuguesa em fase de aprendizagem ou, de qualquer modo ainda em fase de competência incompleta. De facto, a semelhança de regência, às vezes, dificulta a escolha de preposição correta em verbos de movimento direcional.

Conclusão

Ao concebermos este trabalho, tínhamos como objectivo descrever o uso das preposições *a*, *de*, *em*, *por* e *para* pelos alunos da 12.^a classe da Escola Secundária de Nampula. Este objectivo foi alcançado.

Se cruzarmos os dados do primeiro e segundo exercícios do teste de comportamento provocado e os dados dos textos produzidos pelos informantes, podemos chegar facilmente à conclusão de que, em momentos em que os verbos seleccionam a preposição *a*, os informantes preferem usar a preposição *em*, sobretudo com os verbos *chegar* e *ir*.

Entre as preposições *a* e *para*, ainda com estes verbos, os informantes preferem usar de uma forma indiscriminada a preposição *para*, ou seja, mesmo em situações em que a norma obriga que se use a preposição *a*, os informantes preferem usar a preposição *para*. Com o verbo *passar*, nestes informantes, há uma percepção generalizada de que este verbo, com a noção de movimento, selecciona a preposição *de* e *em*, e não ocorre com a preposição *por*. Com o verbo *regressar* e *voltar*, que por sinal, são verbos sinónimos, os informantes seleccionam a preposição *em*. Como se pode depreender, grande parte dos verbos de movimento direccionais seleccionam a preposição *em*, em contextos em que devem ocorrer as preposições *a*, *para* e *por*.

É importante referirmos que esses desvios ainda não estão solidificados, ou seja, os informantes ainda flutuam entre a norma e o desvio. Assim, seria prematura uma proposta que desse conta de que essas estruturas estejam normalizadas no emergente português moçambicano, uma vez que ainda há oscilação entre a norma e o desvio. Assim seria salutar, no emergente português de moçambique, que as sequências *Vir+ em*, *Ir +em*, *Passar +em*, *voltar em*, *regressar em* fossem tidas como possíveis formas que se podem ter em conta na normalização desta língua, em Moçambique.

Referências Bibliográficas

- BECHARA, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucena.
- CARVALHO, M. J. A. (1991). *Aspectos sintáticos-semânticos dos verbos Locativos no Português Oral de Maputo*. Lisboa, 1.^a ed., Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (1999). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15.^a ed. Lisboa: João de Sá Costa.
- FARIA, Isabel Hub *et alii* (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. [s/ed]. Lisboa; Caminho.
- GONÇALVES, Perpétua (1990). *A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*. Dissertação de Doutoramento: Universidade de Lisboa.
- _____ (2010). *O Português Escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didáticas*. 1.^a ed. Maputo: Texto editors
- _____ (2005). *Falsos Sucessos no Processamento do INPUT na Aquisição da L2: Papel da ambiguidade na génese do português e Moçambique*. Acessado www.abralin.orgrevista, 17.11.2012
- _____ (1986). “O Português em Moçambique: Análise de Erros em Construções de Subordinação”: *Limani* 1, 11-23.
- _____ (1996a). *Português de Moçambique: Uma Variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane.
- MATEUS, M. H. M., *et alii*. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Lisboa: Caminho.
- _____ *et alii* (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.^a ed. Lisboa: Caminho.
- NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar *et al.* (2008). «Corpus África: as cinco variedades africanas do Português». In *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 373-384.
- OLIVEIRA, Marilza de (2005). *A aquisição da preposição no Português como L2: complementos verbais dativos*. (S/ed). Brasília. Acessado www.fflch.usp.br/dlcvl/portpdfmaril001

- PERES, João de Andrade; Mória, Telmo (1992). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. 2.^a ed. Lisboa: Caminho
- SIOPA, C. (2010) “Estruturas problemáticas e Estratégias de Ensino do Português na Universidade”: *O Português Escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didáticas*. 1.^a ed. Maputo: Texto editora.
- RAPOSO, E. P et al. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- XAVIER, Maria Francisca (1990). “A categoria preposição na gramática do português: um estudo da preposição a”: Porto, *VI encontro da associação portuguesa de linguística*.
- XAVIER, Maria Francisca; MIRA MATEUS, Maria Helena (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II, Lisboa: Cosmos, disponível em: <http://www.ait.pt/index2.htm>
- VERA, Maria José Blaskovski (2009). *Variação das preposições em verbos de movimento*. SIGNUM: Est.Ling, Londrina, v.12, n,1 p.423-445
- VILELA, Mário (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.^a ed. Coimbra: Almedina
- _____. (1995). *Gramática da Língua Portuguesa*. 1.^a ed. Coimbra: Almedina.

Apêndices

Subcorpus

Verbo ir

1. Mas também fui para um lugar onde mais me chamou atenção.
2. A viagem dos meus sonhos é de ir em Portugal.
3. Eu quero ir muito lá para conhecer as pessoas.
4. Fui para um dos restaurantes que existem lá.
5. A viagem que eu q1uero tanto fazer ou realizar é de ir para os Estados Unidos de América.
6. Fui a praia.
7. Fui para Maputo.
8. Fui a praia.
9. Fui para a shopping.
10. Fui no Museu e outros lugares.
11. Fui a praia .
- 12.** A minha viagem dos sonhos e de ir a Franca.
13. A viagem que eu quero realmente fazer e ir a terra natal da minha mãe.
14. Em Pemba fui a Praia do Wimbe.
15. Tinha que ir visitar minha avo na machamba de muriaze se for para repetir não me arrependerá.
16. Comecei por ir a Africa (Congo).
17. Ir a praia conhecer o bairro que forma famosos “negros”.
18. Fui a praia e teve muitos amigos e isso para mi foi fantástico.
19. Fomos a praia e outros momentos específicos.
20. quando chegamos em casa do nosso tio onde ia hospedar.
21. Em seguida fui a sala de embarque.
22. Estava com vontade de nadar fui a praia com os meus amigos.
23. As 16 horas os resultados saíram fomos para a E.D.M.
24. Fui novamente a praia do Bilene.
25. Ir em África do Sul para estudo

26. A viagem que fui para a Murrupula com a minha mãe e irmã.
27. Logo no domingo pede a minha avo um valor para ir a praia do Fernão Veloso.
28. fomos a praia tiramos fotos com as estatuas.
29. Para representar a nossa escola, fui a Ilha de Mocambique.
30. Fomos a praia nadamos.
31. Fomos dar um passeio a praia do Wimbe.
32. Irei viver junto a natureza.
33. A minha primeira vez que fui a Ilha de Moçambique foi uma coisa muito importante da minha vida.

Verbo chegar

1. Tivemos que empurrar o carro por alguns Km até chegar a Malanga.
2. Me esforço muito em aprender falar francês para quando eu chegar la na franca poder falar bem
3. Cada província que cheguei são todas encantadoras com uma gastronomia muito boa.
4. Depois levamos as trochas para casa ao chegar a casa logo fui perguntado como e que foi a viagem.
5. A chegada em Inhambane visitei meus avos.
6. Chegando em casa somente para lavar os dentes e me deitar
7. Chegamos em Tete no mesmo dia pelas 22: horas.
8. Quando cheguei la em Cabo Delgado conhece muitas coisas novas.
9. Chegamos a Ilha fomos directamente a hotel
10. Eu e meus irmãos estávamos sem vontade de comer por causa da anciedade de chegar.
11. quando chegamos em casa mataram três galinhas.
12. Chegamos uma boa vista da praia.
13. Foi conhecendo novos pontos ate que chegou a Ilha de Mocambique.
14. Quando chegamos em Chocas – Mar.
15. Quando cheguei na Ilha de Moçambique.
16. Quando cheguei em Nacala – porto

17. Cheguei de festejar o natal

18. Chegado a paragem de carro, cumprimos com o trato pagamos o que devíamos

Verbo voltar

1. No dia seguinte teria de voltar a casa.
2. Voltamos a casa porque as férias tinham terminado.
3. No quarto dia a praia dos rudistas dei um mergulho e voltei a casa.
4. Quando voltei até agora nunca mais esquece daquela viagem.

Verbo regressar

1. tivemos de fazer uma vez mais a viagem de regresso a casa.
2. No dia 3 de Janeiro de 2013 regressei a cidade de Nampula.
3. Regressei a casa no dia 27 de Novembro.
4. Ao regresso vim bem de auto – carro conhecido por Nagi Investimento.

Verbo passar

1. Ao passar em Angola dormia numa cubata.
2. Passamos em Murrupula, em Molocue, Mocuba e atravessamos o rio Zambeze.
3. Mas para mim foi muito mais agradável passar a Ilha de Moçambique.
4. quando estávamos a voltar passamos em casa do meu tio.
5. Em cada lugar que passei gravei em minha mente.

Grelha de respostas do primeiro exercício de teste de comportamento provocado. (V, F)

CORREÇÃO	V	F	F	V	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
1	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)	k)	l)	m)	n)					
TCP1	V	F	F	V	V	F	V	F	V	V	V	F	V	V					
TCP2	V	F	F	F	F	F	V	V	V	V	F	F	V	F					
TCP3	V	F	F	V	V	F	F	V	F	V	F	V	V	F					
TCP4	V	F	F	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V					
TCP5	V	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP6	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP7	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP8	V	F	F	F	V	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP9	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP10	V	F	V	V	V	V	F	V	V	V	F	F	V	V					
TCP11	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	V	V	V	F					
TCP12	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	V					
TCP13	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP14	V	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP15	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP16	V	F	F	F		V	F	F	V	V	V	V	V	F					
TCP17	V	F	F	F	V	V	F	V	V	F	F	V	V	V					
TCP18	V	F	F	V	V	F	V	V	F	V	F	V	V	V					
TCP19	V	F	F	V	V	V	V	F	F	V	F	V	V	V					
TCP20	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP21	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP22	V	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP23	V	F	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V	V					
TCP24	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP25	V	F	F	V	V	V	F	V	V	F	F	V	V	V					
TCP26	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP27	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	F	F	V					
TCP28	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP29	V	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	V	V					
TCP30	V	F	F	F	V	V	F	F	V	V	F	F	V	V					
TCP31	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP32	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	V					
TCP33	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP34	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP35	V	F	V	F	F	V	F	F	V	F	F	V	V	F					
TCP36	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	F	V	V					
TCP37	V	F	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP38	V	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP39	V	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V	V	F					
TCP40	V	F	F	F	F	F	V	F	F	V	F	V	V	V					
TCP41	V	F	F	F	F	V	F	V	F	V	F	V	V	V					
TCP42	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					

TCP43	V	F	F	F	F	F	V	V	V	F	V	V	V	F					
TCP44	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP45	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V	F	V	V	V					
TCP46	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP47	V	F	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP48	V	F	F	F	V	V	F	F	V	V	F	V	V	F					
TCP49	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP50	V	F	F	F	V	F	V	V	V	F	F	V	V	F					
TCP51	V	F	F	F	F	F	V	V	V	V	F	F	V	V					
TCP52	V	F	F	V	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP53	V	F	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP54	V	F	F	F	F	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP55	V	F	F	F	V	F	V	V	F	V	F	V	F	V					
TCP56	V	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V	V	F					
TCP57	V	F	F	F	V	F	V	V	V	V	F	F	V	V					
TCP58	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP59	V	F	F	F	V	F	V	F	V	F	V	F	F	V					
TCP60	V	F	F	F	F	F	V	V	V	V	F	V	V	V					
TCP61	V	F	F	V	V	V	F	F	V	V	F	F	V	V					
TCP62	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP63	V	V	V	F	F	F	F	V	F	V	F	V	V	V					
TCP64	V	V	V	V	V	V	F	V	F	F	V	V	V	V					
TCP65	V	F	F	F	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP66	V	F	F	F	V	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP67	V	F	F	V	V	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP68	V	F	F	V	V	F	V	F	V	F	V	V	F	F					
TCP69	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP70	V	F	F	F	V	F	V	V	F	V	F	F	V	V					
TCP71	V	V	F	F	F	F	V	F	F	V	F	V	V	F					
TCP72	V	F	F	V	V	V	F	F	V	F	V	V	F	F					
TCP73	V	F	F	F	F	F	V	V	F	V	V	F	V	F					
TCP74	V	F	V	F	V	F	V	V	F	F	V	V	V	F					
TCP75	V	F	F	V	V	V	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP76	V	F	F	F	F	F	F	V	F	V	F	F	V	V					
TCP77	V	F	F	F	V	F	V	F	V	F	F	F	V	V					
TCP78	V	F	F	F	F	V	F	F	V	F	V	V	V	F					
TCP79	V	F	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F					
TCP80	V	F	F	F	F	F	V	V	V	V	F	V	V	F					
TCP81	V	F	F	F	F	F	V	V	V	V	F	V	V	F					
TCP82	V	F	F	F	F	V	V	F	V	F	V	V	V	F					
TCP83	V	F	F	F	V	V	F	V	V	V	F	V	V	F					
TCP84	V	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	V	F	F					
TCP85	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP86	V	F	F	F	V	F	V	F	F	V	F	F	V	V					
TCP87	V	F	F	F	F	F	V	V	F	F	V	V	V	F					
TCP88	V	F	F	V	V	F	V	F	V	V	F	F	F	V					

TCP89	V	F	F	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F					
TCP90	V	F	F	F	F	F	V	F	V	V	F	F	V	V					
TCP91	V	F	V	V	V	F	V	F	V	V	F	V	V	F					
TCP92	V	F	F	F	V	V	V	V	V	V	F	V	V	F					
TCP93	V	F	F	V	F	F	F	V	V	V	F	V	V	V					
TCP94	V	F	F	F	V	V	V	V	F	V	F	V	V	V					

Grelha de respostas do segundo exercício de teste de comportamento provocado.

Nº	Informante	Respostas						
		2.1	2.2	2.3		2.4		2.5
1	TCP1	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
2	TCP2	Para	Para	Para	-----	Em	----	De
3	TCP3	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
4	TCP4	Para	Para	Para	A	A	Para	A
5	TCP5	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
6	TCP6	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
7	TCP7	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
8	TCP8	Para	Para	Para	Para	Em	Para	De
9	TCP9	Para	Para	Para	Para	Em	Para	Em
10	TCP10	Em	E	Por	A	Por	---	De
11	TCP11	Para	Para	Por	A	De	Para	De
12	TCP12	Para	Para	O	Para	Em	Para	De
13	TCP13	Para	Para	Para	Para	Em	Para	A
14	TCP14	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
15	TCP15	Para	Para	Para	A	De	Para	A
16	TCP16	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
17	TCP17	Para	Para	Para	---	De	Para	De
18	TCP18	Para	Para	Para	Para	De	Para	De
19	TCP19	Para	Para	Para	Para	De	Para	De
20	TCP20	Para	Para	Para	Para	De	Para	De
21	TCP21	Para	Para	Para	Para	Para	Para	De
22	TCP22	Para	Para	Para	A	Em	Para	---
23	TCP23	A	Para	Para	Para	De	A	A
24	TCP24	Para	Para	Para	A	Para	Para	De
25	TCP25	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
26	TCP26	Para	Para	A	Para	Em	Para	De
27	TCP27	Para	Para	Para	Para	Em	Para	De
28	TCP28	A	Para	Para	Para	Em	A	De
29	TCP29	Para	Para	Para	A	De	Para	A
30	TCP30	Para	Para	---	Para	De	A	De
31	TCP31	Para	Para	Para	A	De	Para	A
32	TCP32	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
33	TCP33	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
34	TCP34	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
35	TCP35	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
36	TCP36	Para	Para	Para	A	A	Para	De
37	TCP37	Para	Para	Para	A	De	---	De
38	TCP38	Para	Para	Para	Para	Em	Para	A
39	TCP39	Para	Para	Para	---	De	Para	A
40	TCP40	Para	A	A	A	De	A	A
41	TCP41	Para	A	A	Para	Em	Para	De
42	TCP42	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
43	TCP43	Para	Para	A	A	De	Para	De
44	TCP44	A	A	A	A	Em	A	De
45	TCP45	Para	Para	A	A	De	Para	A
46	TCP46	Para	Para	Para	A	Para	Para	De
47	TCP47	Para	Para	Para	Para	Em	Para	De
48	TCP48	Para	Para	Para	A	De	Para	De
49	TCP49	Para	Para	Para	A	De	Para	Em
50	TCP50	Para	Para	Para	A	Em	Para	A

51	TCP51	De	Para	Para	A	Para	A	Em
52	TCP52	Até	Logo	Hoje	Para	No	Ao	De
53	TCP53	Para	Para	Para	A	De	Para	De
54	TCP54	Para	Para	Para	A	Em	A	A
55	TCP55	Para	A	A	Para	De	A	De
56	TCP56	Para	Para	Para	A	Em	Para	A
57	TCP57	Para	---	Para	A	Em	Para	Em
58	TCP58	Para	Para	Para	A	De	A	A
59	TCP59	Para	Para	Para	A	De	Para	Em
60	TCP60	Para	Para	Para	A	Do	Para	De
61	TCP61	Para	Para	Para	A	De	Para	A
62	TCP62	---	---	---	---	Em	Para	---
63	TCP63	Para	Para	Para	Para	Em	A	A
64	TCP64	Para	Para	A	Para	De	Para	A
65	TCP65	De	Para	Para	Para	Em	Para	De
66	TCP66	Para	Para	Para	Para	Em	A	De
67	TCP67	A	Para	Para	---	Em	A	A
68	TCP68	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
69	TCP69	Para	Para	Para	A	De	Para	De
70	TCP70	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
71	TCP71	Para	Para	Para	A	De	Para	De
72	TCP72	Para	Para	Para	Para	Em	Para	Em
73	TCP73	Para	Para	Para	Para	Em	Para	Em
74	TCP74	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
75	TCP75	Para	Para	Para	A	Em	Para	Em
76	TCP76	Para	Para	A	Para	De	Para	A
77	TCP77	Para	Para	---	---	Em	Para	Em
78	TCP78	Para	Para	Para	A	Por	De	Em
79	TCP79	Para	Para	Para	Para	Em	Para	A
80	TCP80	Para	Para	Para	Para	Em	Para	A
81	TCP81	A	Para	Para	Para	De	Para	A
82	TCP82	Para	Para	Para	Para	Em	Para	De
83	TCP83	Para	Para	A	A	De	Para	De
84	TCP84	Para	amanha	Hoje	Para	Com	Ao	A
85	TCP85	Para	Para	Para	---	De	Para	Em
86	TCP86	De	A	A	Para	Por	Para	Em
87	TCP87	Para	Para	Para	A	De	Para	A
88	TCP88	Para	Para	Para	Para	Em	A	A
89	TCP89	Para	Para	Para	Para	De	Para	A
90	TCP90	Para	Para	Para	A	Em	Para	De
91	TCP91	Para	Para	Para	A	De	Para	A
92	TCP92	Para	Por	Para	A	De	Para	Em
93	TCP93	Para	Para	Para	A	Em	Por	De
94	TCP94	Para	Para	Para	A	De	A	A